



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO –
FADECAM
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – ÊNFASE EM SOCIAIS E HUMANAS**

SILVIA LETÍCIA LOBATO GONÇALVES

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ NO RIO CARIPETUBA: UMA
ANÁLISE DAS MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS**

ABAETETUBA-PARÁ

2021

SILVIA LETÍCIA LOBATO GONÇALVES

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ NO RIO CARIPETUBA: UMA
ANÁLISE DAS MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, para obtenção do título de licenciatura plena em Educação do Campo com Ênfase em Ciências Sociais e Humanas. Orientador: Prof. Dr. Jones da Silva Gomes

ABAETETUBA-PARÁ
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

G635f Gonçalves, Silvia Leticia Lobato.
A Festa de Nossa de Nossa de Nazaré no Rio Caripetuba: : Uma
Análise das Mudanças e Permanências. / Silvia Leticia Lobato
Gonçalves. — 2021.
54 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Jones da Silva Gomes Trabalho
de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Educação do Campo, Abaetetuba, 2021.

1. Catolicismo Popular, Memória, Devoção. I. Título.

CDD 300.8

SILVIA LETÍCIA LOBATO GONÇALVES

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ NO RIO CARIPETUBA: UMA
ANÁLISE DAS MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, para obtenção do título de licenciatura plena em Educação do Campo com Ênfase em Ciências Sociais e Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Jones da Silva Gomes

Data da Defesa: 11/06/2021

Resultado: _____

Banca Examinadora:

Prof.º Dr. Jones, da Silva Gomes
Orientador- UFPA (Campus de Abaetetuba)

Prof.º Dr. Ronaldo Lopes de Souza
Examinador- UFPA (Campus de Abaetetuba)

Prof.ª. Drª. Lucielma Lobato Silva
Examinadora externa

**ABAETETUBA-PARÁ
2021**

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar dedico este trabalho de conclusão de curso a Deus e a Nossa Senhora de Nazaré, minha santa de devoção, a quem sempre recorri nos meus momentos difíceis, e assim me concedeu vida, saúde e forças para concluir esta graduação, depois dedico a meus pais, que incansavelmente não mediram esforços para me proporcionar bons estudos, a meu noivo, minha irmã, avós, tios (as), primos, meus amigos de turma, em especial, a minha amiga Emanuely Maués e, por fim, às pessoas da minha comunidade Nossa Senhora que de forma alguma me ajudaram para a realização desse sonho.

AGRADECIMENTOS

A construção deste trabalho não seria efetivada sem a ajuda, o apoio e a participação de forma direta e indireta de algumas pessoas, desta maneira eu agradeço:

A Deus, em primeiro lugar pelo dom da vida e por me conceder a oportunidade de poder cursar uma graduação;

Aos representantes dos Movimentos Sociais que lutaram para que esse curso se tornasse realidade na vida dos ribeirinhos;

À minha família que sempre me apoiou em meus estudos e escolhas;

Ao meu noivo, Antônio Junior pela compreensão e incentivo;

As comunidades que sempre me atenderam quando tinha pesquisa de campo para realizar;

A minha prima dona Maria Rosa por ter me acolhido em seu lar e me proporcionar imenso carinho como se fosse sua filha;

A minha equipe de trabalho, Emanuely, Jailson, Almir e Willian, que apesar de nossas diferenças foram mais de quatro anos de estudos, com muita parceria, apoio, desafios e dificuldades que íamos vencendo;

A minha equipe de estágio na escola Bernadino, yzandra, Gleiciane, Santino, Paula, Wanderson e Emanuely;

A todos os meus colegas de turma que passaram ser minha segunda família, onde aprendi muito com eles durante esses anos;

Ao meu orientador Dr. Jones da Silva Gomes, pelo ensinamento, paciência e disponibilidade em estar sempre pronto a me ajudar; A todos os professores do Curso de Educação do Campo pela contribuição em minha trajetória acadêmica;

Aos professores do Some (sistema de organização modular de ensino), que foram minha base, em especial a professora Dr^a. Lucielma Lobato, por ter me incentivado a cursar o ensino superior e por ter ministrado excelentes disciplinas nesta graduação;

Aos meus amigos, em especial Edenilda Negrão e Almir Marques pelo apoio e contribuição neste trabalho;

Ao casal Ataíde e Adagilsa, a dona Anazilda, dona Maria Duparto, seu Miguel, seu Francisco, seu Orlando, por terem me concedido entrevista-los;

A FESTIVIDADE DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ NO RIO CARIPETUBA: UMA ANÁLISE DAS MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

RESUMO

Este trabalho se propôs investigar as mudanças e permanências ocorridas na festividade de nossa senhora de Nazaré na localidade do Rio Caripetuba, espaço rural (ilhas) do município de Abaetetuba-PA. A festividade ocorre no terceiro domingo do mês de outubro e é esperado pelos fiéis devotos de Nossa Senhora o ano todo, caracterizando um período em que ocorrem mutirões, prevalecendo relações de reciprocidade – em que se ajuda de forma espontânea, sem querer algo em troca – e também as várias formas de devoção à imagem, marcando uma cultura religiosa bastante comum nos interiores da região amazônica, com crenças herdadas de um hibridismo cultural, ou seja, da mistura de culturas historicamente constituídas, mas, que vêm sendo paulatinamente questionadas ou mesmo desvalorizadas pelas novas gerações em função do momento atual pautado em novos modelos de religiosidade. Desta forma, procuramos questionar, em vista das mudanças na forma como se realiza o festejo, o que permaneceu enquanto elemento tradicional da devoção. Para chegarmos à resposta, foi feita uma análise do catolicismo popular no Brasil e mais particularmente na Amazônia, assim como dentro da comunidade lócus da pesquisa. Também procurei entender, a partir de entrevistas abertas, a origem da imagem, como se organizavam as novenas em preparação à festa, o grupo de ladainha, as peregrinações em outras comunidades, como era a tradição dos oratórios nas residências, a simbologia do manto, da bandeira. Para a realização deste trabalho, foi utilizada como metodologia a pesquisa de cunho qualitativo, com observação e aplicação de entrevista e questionários semiestruturados, sendo que foram entrevistadas sete pessoas, delas cinco idosas e duas adultas: uma dessas adultas já foi coordenadora da comunidade e que possui um oratório em sua casa; a outra é a atual coordenadora; os idosos são pessoas que sempre atuaram na comunidade, sendo coordenadores assim como também participantes assíduos, os quais sempre doaram seu trabalho pela comunidade, um deles é um dos herdeiros da imagem. Portanto, tive a intenção de entrevistá-los por terem esse bom envolvimento e trabalho dentro da comunidade desde muitos anos atrás, busquei desta maneira realizar uma análise do passado e do presente por meio dos sujeitos da pesquisa. Também foram utilizados como recursos de coleta de dados caderno para anotações, celular para gravações e imagens fotográficas. Conseguimos com esse trabalho obter resultados de que a festa permanece, porém com algumas modificações, tais como a falta de um grupo de foliões, a retirada das peregrinações em outras comunidades, a extinção da bebida alcoólica que, segundo as entrevistas, foi a melhor mudança ocorrida.

Palavras-chave: Festividade. Memória. Devoção. Catolicismo Popular.

ABSTRACT

This work aimed to investigate the changes and permanences that occurred in the festivity of Nossa Senhora de Nazaré in the locality of Rio Caripetuba, rural space (islands) in the municipality of Abaetetuba-PA. The festival takes place on the third Sunday of the month of October and is expected by the faithful devotees of Our Lady throughout the year, featuring a period in which joint efforts occur, prevailing relations of reciprocity and devotion to the image, marking a very common religious culture in the interior of the region. Amazonian with beliefs inherited from a historically constituted cultural hybridity, but which has been gradually questioned or even devalued by new generations due to the current moment based on new models of religiosity. In this way, we try to question in view of the changes in the way the celebration takes place, what remained as a traditional element of devotion. To reach the answer, an analysis of popular Catholicism in Brazil and more particularly in the Amazon, as well as within the community locus of the research, was carried out. I also tried to understand from open interviews the origin of the image, how the novenas were organized in preparation for the party, the litany group, the pilgrimages in other communities, what was the tradition of the oratories in the homes, the symbolism of the mantle, the flag. To carry out this work, qualitative research methodology with observation and application of interviews and semi-structured questionnaires was used as methodology, and seven people were interviewed, five elderly and two adults, one of these adults was already a community coordinator and has an oratory in his house and the other is the current coordinator, the elderly are people who have always worked in the community, being coordinators as well as assiduous participants, who have always donated their work for the community, one of them is one of the heirs of the image. So I had the intention of interviewing them because they had such good involvement and work within the community of many years ago, I tried to carry out an analysis of the past and the present through them. Also used as a resource was a notebook for taking notes, a cell phone for recordings and photographic images. We managed to get results in the work, that the party remains with some modifications, such as, the lack of a group of revelers, the withdrawal of pilgrimages in other communities, the extinction of alcoholic beverages, which according to the interviews, was the best change.

KEYWORDS: Festivity. Memory. Devotion. Popular Catholicism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CAPÍTULO 1: CATOLICISMO POPULAR NO BRASIL E NA AMAZÔNIA	12
3	CAPITULO II: MEMORIAS DA COMUNIDADE ATRAVÉS DA FESTIVIDADE DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ	16
3.1	Contextualizando a comunidade	16
3.2	A origem da imagem padroeira da comunidade.	18
3.3	Ladainha e folia	22
3.4	Oratório	26
3.5	Organização das pessoas em função da devoção	28
3.6	Sobre milagres da imagem	33
3.7	Depoimentos de fatos que ocorreram nas peregrinações com a imagem	34
3.8	Outros santos de devoção da comunidade	35
4	A ARTE DA DEVOÇÃO E A PERMANÊNCIA DA FESTIVIDADE EM MEIO AS MUDANÇAS SOCIAIS DA COMUNIDADE	36
4.1	Organização da comunidade nos dias atuais	36
4.2	Momentos do festejo	41
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

A festa de um santo é um momento marcante na vida dos fiéis, são ritos que passam por gerações, em que se agradece ao santo padroeiro pela proteção, pela cura de alguma doença; é momento também de pedir perdão pelas faltas cometidas, assim como um momento de alegria e grandes emoções, além disso: “a festa de santo é uma das festividades religiosas celebrada na maioria das comunidades indígenas da Amazônia brasileira, constitui o espaço simbólico que ajuda a manter as relações de identidade do lugar” (SILVA & SILVA, s/a, p. 01). Em meio às festividades, são compartilhados com mais profundidade os dons da fé e da graça, o que faz ser aquele momento único e especial na vida dos comunitários.

Nesta pesquisa, se propôs estudar as mudanças ocorridas dentro da festividade de Nossa Senhora de Nazaré situada no Rio Caripetuba, ilhas de Abaetetuba-PA, e de como isso impacta a cultural local, seja do ponto de vista social seja educativo. Para que eu pudesse chegar até aqui, minha participação enquanto discente do curso de Educação do Campo balizou a escolha do tema, já que ao participar das reflexões, leituras, e, principalmente, do tempo-comunidade, tempo que retomamos às nossas comunidades para observar e registrar aspectos diversos - foi onde e quando passei a conhecer melhor minha história vinculada a memórias dos moradores mais velhos -, foi também quando o interesse por pesquisar sobre a festividade local se aguçou, além de que meu engajamento no catolicismo popular influenciou bastante na escolha.

Diria também que a disciplina de *Patrimônio Regional* me possibilitou aporte teórico que viesse reordenar meu olhar sobre o festejo; percebendo que o este constitui um patrimônio imaterial, que segundo BRAYNER (2012, p. 18):

[...] importa cuidar dos processos e práticas, importa valorizar os saberes e os conhecimentos das pessoas. São os ofícios e saberes artesanais, as maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, as danças e as músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares que revelam os múltiplos aspectos da cultura cotidiana de uma comunidade.

Deste modo, conduzida por anos e protagonizada por gerações, a festa de Nossa Senhora de Nazaré exigia, segundo o que entendo, um estudo mais apurado, sem o qual não se materializaria enquanto registro formal, e como iniciante no campo de pesquisa,

não pude perder a oportunidade de fazer isso no âmbito acadêmico, através de meu trabalho de conclusão da graduação.

A partir da pesquisa de campo, pelos relatos de pessoas mais antigas, descobri que a festividade era realizada através de diversas tradições que os fazia lembrar – com um sorriso no rosto e, ao mesmo tempo, com um sentimento triste – de alguns ritos não terem continuidade, ou mesmo de não ser motivo de tema da escola onde as novas gerações são ensinadas, como é proposto na educação do campo, de um estudo integrando o local e o global. O sentido de educar na fé vem da necessidade de educar para a sociedade, porque dentro da comunidade se ensina a como se viver socialmente, ser um cidadão, valorizar sua identidade, o território onde se vive, pois segundo (Dantas, 2002 apud SARAIVA, 2010, p.03) “as festas religiosas afirmam identidades, reutilizam tradições e mitos, geram renda, criam novas formas de expressão, dramatizam situações e afirmações de um grupo cultural, delineando a cultura religiosa”.

Por este prisma, viver em uma comunidade é, entre outras coisas, participar dela contribuindo para sua manutenção. Foi seguindo esta trilha de pensamento que procuramos adentrar a história e memórias do festejo bem como sua inserção na vida da comunidade do rio Caripetuba, Abaetetuba-PA. A devoção à imagem de Nossa Senhora de Nazaré abrange um número considerável de famílias na localidade, no entanto esta relação cultural tem passado por muitas mudanças no decorrer dos anos, isso vem implicar em ausência de algumas tradições que são muito lembradas, reconhecidas e admiradas pelas demais comunidades das ilhas, mas, que no Caripetuba foram se perdendo; em observação a isso, se faz a indagação: Quais as motivações que levaram a serem retiradas ou deixadas de lado essas tradições? Como elas permanecem na memória dos comunitários? Como elas se atualizam no contexto de organização de CEBS (Comunidades Eclesiais de Base)

Deste modo, pesquisar o que foi deixado para trás e analisar as razões por não existirem mais, fazendo uma conexão entre a história e memória, o presente e o passado, o contínuo e o descontínuo, fez-me entender, por exemplo, a origem da imagem, a devoção e seus costumes, caracterizando como se dava a organização comunitária, como se constitui a comunidade hoje, além de avaliar segundo o posicionamento dos moradores os impactos das mudanças ocorridas no festejo.

Para a realização deste trabalho, foi utilizada como metodologia a pesquisa de cunho qualitativa, com observação e aplicação de entrevista e questionários

semiestruturados, assim como também registrando e estudando a história oral a partir de devotos mais antigos e lideranças, que seguindo os autores esta técnica de coleta constitui-se uma excelente ferramenta para obtenção de dados como pontuam: Mota; Reginato; Gallian (2013, p 02),

Essa consiste na arte de apreender narrativas a fim de obter material para conhecimento e análise de um determinado processo social do presente, favorecendo não apenas os estudos de identidade, mas também de toda a memória de uma cultura.

Deste modo, foram entrevistadas sete pessoas: delas, cinco idosas e duas adultas; é importante destacar que uma dessas adultas já foi coordenadora da comunidade e que possui um oratório em sua casa, e a outra é a atual coordenadora; os idosos são pessoas que sempre atuaram na comunidade, tanto coordenando como sendo participantes assíduos, os quais sempre doaram seu trabalho pela comunidade, um deles considera-se um dos herdeiros da imagem. A intenção em entrevistá-los se deu por terem eles esse bom envolvimento e trabalho dentro da comunidade desde muitos anos atrás, desta maneira, busquei realizar uma análise do passado e do presente por meio dos sujeitos da pesquisa. Também foram utilizados, como recurso para coletas de dados, caderno para anotações, celular para gravações e imagens fotográficas.

Para um melhor suporte de entendimento do tema, tive por aporte a pesquisa bibliográfica, abordando alguns autores que trabalham com a temática como: SOUZA (2013), *Festas, Procissões, Romarias, Milagres: Aspectos do catolicismo popular*, Aspectos específicos do catolicismo popular, a definição do conceito, seus costumes e práticas são de caráter tradicional, sendo transmitidos de uma geração para outra e com algumas mudanças; SARAIVA (2007), com *Religiosidade Popular e Festejos Religiosos: Aspectos da Espacialidade de Comunidades Ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia*; GALVÃO (1955), dentro de seu trabalho na religiosidade popular na Amazônia, Santos e Visagens; SANTOS (2014), em seu trabalho: *Santo de casa faz milagre*, que faz uma abordagem sobre o desenho e representação dos oratórios populares domésticos em Feira de Santana, e outros sobre os quais irei discorrer no decorrer deste trabalho.

O trabalho de pesquisa está distribuído em três capítulos: O catolicismo popular no Brasil e na Amazônia, no qual vou descrever e conceituar este catolicismo, qual sua origem e como foi seguido dentro do Brasil, mais precisamente na região da

Amazônica, com o culto aos santos nas comunidades ribeirinhas, sendo assim denominado de catolicismo popular tradicional, fazendo referência já a algumas mudanças que sofreu no decorrer dos anos.

No segundo capítulo, destino registro para as memórias da comunidade. Para tanto, a festividade de nossa senhora de Nazaré configura-se como elo principal entre crença, ritos, tradição e outras formas de cultura. Irei, pois, apresentar esses dados a partir de narrativas orais disponibilizadas pelos mais idosos, que contextualizam a comunidade, seus primeiros habitantes, as devoções aos cultos domésticos, quando ainda era comum a construção de oratórios dentro das residências, a história dos moradores em si, em torno de tudo que envolvia a festa, como os diversos trabalhos, etapas, os símbolos (andor, manto, a imagem, a procissão do círio, os barcos, as promessas, etc..).

O terceiro e último capítulo é destinado a trabalhar a arte da devoção e a permanência da festividade em meio às mudanças sociais da comunidade. Neste sentido, irei caracterizar a Organização da comunidade nos dias atuais, Momentos do festejo, analisar o que se tem de pontos positivos e negativos perante as mudanças transcendidas nas narrativas dos moradores e, assim, também as motivações da fé, além de investigar o que as tecnologias do mundo moderno trazem e onde elas impactam na religiosidade, a importância da festa na vida dos moradores da comunidade do Rio Caripetuba, assim como também a importância da educação não formal (educação do campo).

Assim, através desses três capítulos, procuro destacar uma parte do contexto histórico do catolicismo popular no Brasil, mais precisamente no contexto da Amazônia, enfatizando a festividade de nossa senhora de Nazaré, que se faz presente por muitas gerações na localidade do rio Caripetuba, sofrendo, entretanto, mudanças que serão analisadas, assim como estarei elencando a atual estrutura da comunidade e como se dá o festejar no presente.

2 CAPÍTULO I: CATOLICISMO POPULAR NO BRASIL E NA AMAZÔNIA

O catolicismo popular surgiu no Brasil no período colonial, vindo de Portugal e, como nos afirma (FEITOSA, 2014, p. 13), “estava associado ao projeto colonial português no chamado regime do padroado régio”, em que eram os reis que administravam as igrejas, tendo deste modo também a mentalidade de dominação com

interesses na busca de conquistar novos territórios. Desta maneira, aliavam-se não com a máxima pretensão de disseminar a fé católica, mas sim de olhar por seus próprios benefícios. Era, portanto, uma forma de manipular as pessoas por meio da religião, mas com fins de interesses próprios em que o poder político e religioso entrelaçavam-se como descreve SOUZA (2013, p. 17):

As festas católicas são em síntese imprescindíveis para a compreensão da religiosidade brasileira no período colonial. A vida social na América Portuguesa tinha como centro as festas religiosas como momentos centrais. Elas desempenhavam com isto um papel social, cultural, político e econômico que transcendia em muito sua origem religiosa embora a expressão de fé permanecesse como núcleo que as sustinham. Pensar as festas religiosas no período, portanto permite o estabelecimento de conexões que iluminam a sociedade de uma forma ampla.

O verdadeiro catolicismo popular no Brasil denominado tradicional inclui de forma significativa e de grande maioria a população menos favorecida na sociedade, segundo (SILVA apud SOUZA, 2013, p. 02), isto é, os “colonos, pobres, os índios destribilizados, os ex-escravos e todo tipo de mestiços”, neste sentido, LIMA JUNIOR (2011, p. 172) enfatiza que.

[...] a formação do Brasil é um caso emblemático, uma vez que o estabelecimento da religião católica só foi possível porque se permitiu misturar com os cultos indígenas e africanos num esforço de aproximação das camadas populares e menos favorecidas da sociedade.

Neste sentido esta grande parcela de população já existente no Brasil, sendo os índios, com toda sua vasta cultura e modos de cultuar seus deuses, junto aos imigrantes de outras partes do país, assim como fora dele, uniram-se deste modo formando um sincretismo religioso, ganhando visibilidade e protagonismo sem muita interferência da igreja oficial, desencadeando assim o catolicismo popular tradicional, o qual SOUZA (2013, p. 05) no texto abaixo conceitua:

Os praticantes do catolicismo popular são um conjunto de fiéis que exercem seus cultos as margens da igreja ou com uma margem de autonomia maior ou menor em relação à instituição. Seus costumes e práticas são de caráter tradicional, sendo transmitidos de uma geração para outra e com eventuais alterações sendo vistas como sacrilégios (pecado grave) e como uma perda de respeito e seus praticantes se situam majoritariamente, entre os setores mais

pobres e menos escolarizados da população, possuindo ainda profunda ressonância no meio rural. Contrastam assim com os setores intelectuais da igreja que tenderam historicamente, a ver suas manifestações com um misto de desprezo e desconfiança reconhecendo-as, contudo, como estratégias válidas e eficazes para a manutenção da fé católica no seio da população.

As festas religiosas, as festas em homenagem aos santos Padroeiros são o maior destaque do catolicismo popular, pois estabelecem o verdadeiro sentido de pertencimento do ser católico, porque entrelaçam uma série de valores e sentimentos de fé e devoção, como destaca o autor Saraiva, (2010, p. 152): [...] “trazem a reprodução de símbolos que ajudam a manter a identidade e são por elas mantidas”. Constituindo, assim, um modo de vida socializador, no qual um determinado grupo social vai efetivar e reconhecer cada vez mais seu modo de vida, de maneira geral, sua forma de resistência, a valorização pelo seu local de vivência, como bem pontua Saraiva, (2010, p. 151):

Outro aspecto fundamental é que as festas de santo se constituem em uma das características das populações que congregam a fé católica, pautando-se no caráter socializador, posto que com a realização desses eventos o grupo se encontra, realizam mais atividades em conjunto.

Assim trabalham na perspectiva de alcançar objetivos comuns em relações recíprocas, dentro dos diversos trabalhos e também na busca de manter sua fé e sua veneração, que perpassam por muitos anos e que caracterizam uma variedade de características próprias de cada grupo comunitário. As festas de santos concretizam-se em momentos que trazem às comunidades uma alegria imensa por muitos motivos, pois é momento de renovação de fé, de estabelecimento de laços fraternos que buscam encontrar no santo devoto muitas soluções de problemas, como nos descreve Saraiva, (2010, p. 153):

As festas religiosas configuram-se como eventos ligados ao sacramentalismo cristão ligado ao universo mental do grupo. O ribeirinho cumpre suas promessas e graças recebidas por meio de rituais, traduzidos na forma de festas religiosas, almoços comunitários, missas, procissões, novenas, bailes, etc. Cada festejo possui sua própria história e razão de existência. Representa agradecimento, devoção e também saúda um novo período produtivo que se inicia nessas comunidades, o início do período de plantio, pode representar também a solução de um grave problema, a saúde recuperada, tudo isso é traduzido em agradecimentos.

O catolicismo popular ganhou uma expressiva relevância na região Amazônica por ser ela uma região de vastas riquezas naturais, que foi em parte povoada por imigrantes com interesses da elite, juntando-se assim com populações que ali já habitavam, isto tudo no período colonial, em que eram estabelecidas as chamadas ordens religiosas, as quais tinham como papel garantir a expansão do catolicismo e assegurar a ocupação do território. “Os jesuítas que faziam parte das ordens religiosas tinham como missão pela coroa portuguesa catequizar os índios que ali viviam” (REIS; CARVALHO, 2016, p. 155), assim como também outros grupos vieram para esta região trabalhar ainda mais o sentido da evangelização do povo que mencionado pelos autores (Ibidem), tais como os franciscanos, carmelitas e mercedários no período de 1671-1640.

Neste contexto, o catolicismo ganhou expressividade em diversos cantos da Amazônia, com essa junção entre as missões, a cultura do índio e a cultura dos diversos povos e que ali chegavam. Sendo assim de fundamental importância para dar ênfase ao catolicismo popular tradicional, mais precisamente, “o culto aos santos, as festas dos santos e grupos organizados para realizar tais eventos” (SARAIVA, 2010, p. 149).

Este catolicismo popular vem sofrendo inúmeras alterações no que diz respeito a tudo que envolve as festas religiosas, pois ele é dinâmico muda em alguns aspectos, trazemos como exemplo o que se tinha nas grandes procissões do passado, como afirma Silva, (2018, p 06):

[...] momentos que marcaram e ainda persistem são as procissões, uma prática religiosa onde alguns fiéis demonstravam sua fé ao santo de devoção, as procissões tinham seus significados diferentes, alguns fiéis participavam por ser festiva ou pra pagar suas promessas, mas além do ato religioso as procissões tinham também seu lado político e social , acontecia muita crítica social , combatia a fome, a guerra civil, eram também demonstração de poder das elites, lutas políticas e protestos políticos. Esses atos políticos e culturais aconteceram até na metade do século XIX, onde as procissões passaram a ser somente como ato religioso, mas as festas religiosas despertaram muitas críticas, surgiram muitas festas e feriados criados pelos bispos, algumas dessas festas eram consideradas atos profanos, como o natal, a quadrilha, a dança, teatro, músicas entre outras datas festivas, assim a partir do século XIX, com o concílio de Trento foram impostas algumas normas nas festas cristãs, principalmente nas procissões.

Deste modo a religiosidade foi vista como busca de aspirações, sendo essas caracterizadas pela questão do poder nas mãos das elites, compactuando com o Estado, mas também por parte da população, que de fato dava valor aos atos religiosos, a fé, o sentido comunitário, sendo verdadeiros fiéis, respeitando, dando o pleno significado

para a religiosidade. Em cada região, portanto, foram se estabelecendo adaptações conforme sua cultura, seu modo de vida. Na Amazônia, as aspirações religiosas vêm sendo expressas nas grandes procissões, conhecidas como círios, além das romarias, as novenas, terços, ladainhas, os cultos a cada domingo, as festas etc., que são de caráter religioso e que carregam em si muitos valores e crenças por se tratar de envolver o sincretismo das muitas culturas ali unidas, como bem caracteriza Saraiva, (2010, p. 162):

As festas religiosas realizadas nestas comunidades são exemplificações de uma história cultural na qual há uma impregnação no universo cultural do grupo. Nestes casos os rituais aparecem como manifestações marcadas por atividades coletivas, pela qualidade e quantidade de danças, pelas inúmeras representações e pela celebração em torno da imagem do santo protetor. São verdadeiros encontros de uma unidade primeira, criação que se cria através do seu próprio criador, desde as origens e nas várias histórias culturais. Os festejos religiosos ultrapassam a si mesmos como unidades temporais para religar o visível e o invisível, aquilo que está dentro e fora de um tempo, sempre buscando estabelecer laços comunitários, de identidade étnica e tradição dentro das mais variadas relações de poder.

Em contraponto ao mundo moderno, hoje estamos percebendo certas mudanças no sentido das manifestações religiosas, o povo já está desconsiderando certas crenças, costumes, dando mais valor a coisas “mundanas”, mas o catolicismo popular ainda permanece em grande escala, pois o Brasil, segundo Holanda e Silva, (2019, p 02) “é um país miscigenado tanto em culturas quanto em raças. Desta maneira na religião não seria diferente, principalmente na religião católica. No Brasil, uma em cada nove cidades possui o nome de um santo católico”.

Isto significa dizer que a religião católica ainda é de certa forma predominante no país, com isso consequentemente são muitas também as festas católicas dentro do catolicismo popular, com diferentes características em cada região, sendo que em algumas já são até consideradas como patrimônio imaterial, assim fazendo valer o sentido do catolicismo advindo da classe menos favorecida da sociedade que ainda sofre inúmeras críticas e preconceitos.

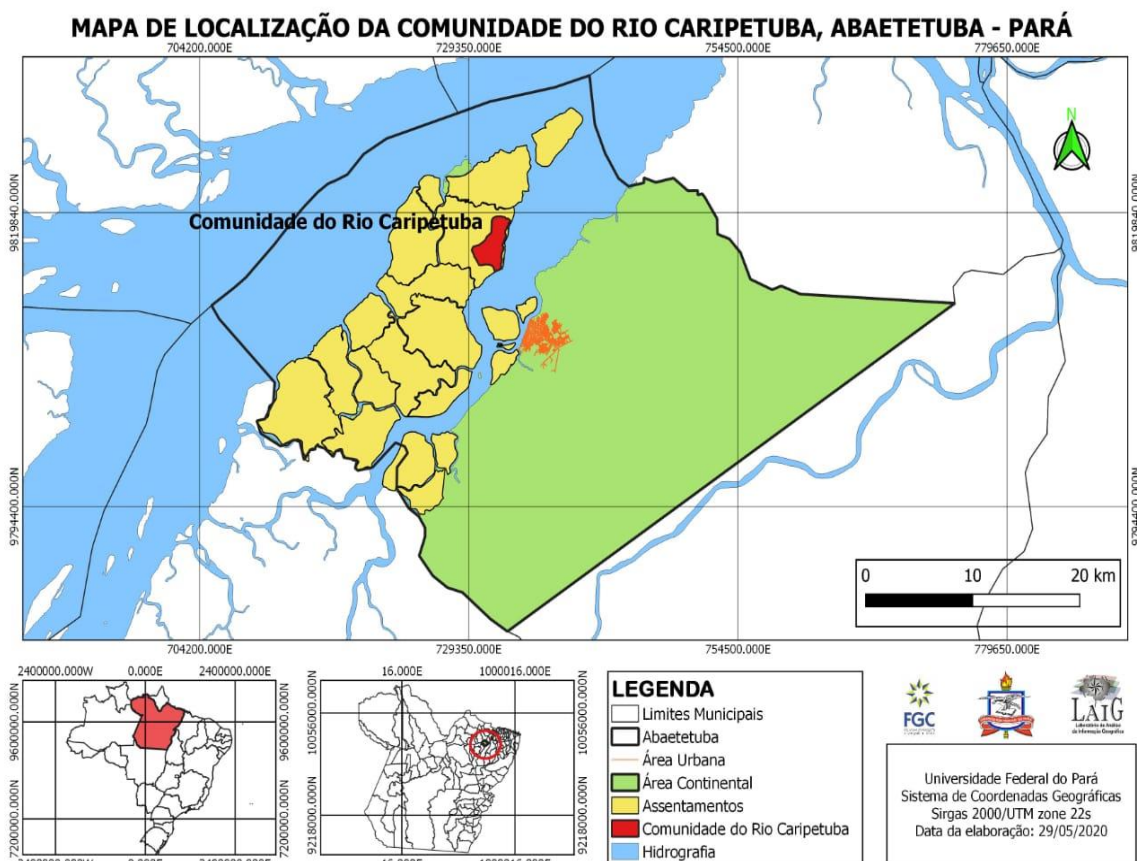
3 CAPÍTULO II: MEMÓRIAS DA COMUNIDADE ATRAVÉS DA FESTIVIDADE DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ.

3.1 contextualizando a comunidade

A comunidade do Rio Caripetuba faz parte das 72 ilhas do município de Abaetetuba, fica localizada entre o Rio Paramajó e Xingu, na região do Baixo Tocantins, no Nordeste do estado do Pará; sua formação como comunidade católica, Nossa Senhora de Nazaré, deu-se aproximadamente nos anos de 1962, sendo, segundo relatos dos mais idosos, a segunda comunidade formada neste período nas ilhas de Abaetetuba; possuindo, segundo informações dos ACSs (agentes comunitários e saúde), 140 famílias e com um total de 497 pessoas, que sobrevivem principalmente do extrativismo, da pesca artesanal e da agricultura familiar; antes tinham essa base econômica voltada para a retirada da lenha, extração do látex e a coleta de sementes como a andiroba. No mapa da imagem abaixo, pode-se visualizar a localização da comunidade *locus* da pesquisa.

No rio Caripetuba, existem uma igreja católica e uma evangélica, as manifestações culturais são realizadas em datas comemorativas como, dia dos pais, das mães, festas juninas e a grande comemoração no mês de outubro, mês da festividade da padroeira, assim como também a igreja evangélica realiza seus festejos durante todo o ano.

Figura 1- mapa de localização da comunidade do Rio Caripetuba, em Abaetetuba (PA)



Fonte: Cardoso (2020)

O rio Caripetuba, ao longo de processo histórico, modificou-se de um igarapé, bastante profundo e com muita vegetação na sua margem, em um rio bastante largo com uma profundidade reduzida, isso por conta do grande fluxo de embarcações que causam o assoreamento, tendo assim, pontos que secam quando o nível da água baixa. No processo de luta e organização desta comunidade, ao que se sabe, no passado não houve nenhum conflito ou disputa por terra, o que hoje já se tem como preocupação, pois nos dias atuais se faz necessário defender o território de grandes empreendimentos que nessas terras pretendem se instalar.

Aos poucos a comunidade foi se estruturando e ganhando formas de organização através das CEBs (comunidades eclesiais de base), STTR (sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais), colônia dos pescadores e o assentamento PAE ilha Caripetuba. A comunidade obteve algumas conquistas durante esse processo histórico, avançou na questão econômica, na educação, na saúde, entre outras; já não se tem relatos de casos extremos de pobreza. O acesso a direitos avançou, mas ainda há muitos problemas a serem resolvidos como a falta de saúde de qualidade, segurança (piratas continuam a fazer vítimas ao longo dos rios), educação e inclusão social.

3.2 A origem da imagem padroeira da comunidade

A história da origem da imagem de nossa senhora de Nazaré ainda se constitui um grande mistério nos dias de hoje, mas o que muitos da comunidade dizem é que esta imagem possui muitos anos, pois desde os seus pais e avós, alguns já falecidos, que se houve falar do festejo desta santa, o qual segue como tradição. Para poder compreender a história, optei por trabalhar com a técnica de gravação, registrando os relatos a partir da oralidade dos mais velhos, uma vez que a memória se faz, segundo o que ressalta Michael Pollak (1992, p. 204), “um elemento constituinte do sentimento de identidade”. Neste contexto conseguimos obter conhecimentos de uma vivência que teve grande significado cultural e social para estes sujeitos.

Uma das histórias é contada por um senhor já bem idoso na comunidade, identificado pelos conhecidos como Seu Francisco¹, sua narrativa é mencionada abaixo.

¹ Francisco de Sales da Costa Cordeiro: 76 anos, aposentado, morador da comunidade desde a juventude, participou da fundação estrutural da comunidade, já foi a uns anos passados coordenador da mesma.

Esta Nossa Senhora de Nazaré é francesa, ela veio de Paranariba (Suriname), olha ela foi dada de presente pra uma moça, filha da dona do terreno onde é a comunidade até no dia de hoje, foi um rapaz que namorava ela que lhe deu de presente, ele trabalhava pra esse lugar, então foi assim que começou o festejo, e aí essa imagem saía no dia 1º de julho pra visitar outras comunidade vizinha, nós retornava no dia 25 de agosto, acompanhada de uma bonita folia, o círio era no dia 26 de agosto e a festa mesmo terminava dia 7 de setembro quando nos comemorava o dia dela. (FRANCISCO CORDEIRO, março, 2019).

Mas, como SOUZA (2013, p. 4) afirma, “não há objetividade pura e simples nas lembranças, os fatos e acontecimentos podem ser os mesmos, mas a significação dada pelo narrador é trabalhada e transformada em função do tempo e da sua situação de vida”. Assim sendo, temos, a partir da narrativa de outros moradores da comunidade, histórias e conceitos diversificados, também advindos da transmissão oral de seus pais.

Segundo os entrevistados Ataíde André² e Adalgisa André³, o período era chamado de guerra do pega-pega, que foi a famosa primeira guerra mundial, período no qual os homens se escondiam pelo mato, pelas ramas das árvores, porque havia pessoas que vinham e os obrigavam a servir ao país na guerra; ficavam somente as mulheres na comunidade. Contam ainda que certa vez levaram o marido de uma mulher mãe de cinco filhos, o nome do homem era Geraldo, e a mulher ficou sofrendo na vida com muita dificuldade para criar os filhos; esperou o marido por dois anos, mas ele não voltou, por isso ela se juntou⁴ com outro homem para que pudesse lhe ajudar a cuidar dos filhos. Um dia, por volta das cinco horas da tarde, ela com os filhos e o atual marido estavam jantando quando, de repente, ouviram um barulho no porto da casa, ela foi olhar: era ele o ex-marido que tinha voltado, mas ele já havia visitado parentes e amigos antes de chegar à sua, e já haviam falado para ele que ela já tinha outro marido, assim dona Adalgisa faz memória do acontecido e menciona que:

A mulher começou a explicar a situação que tinha passado para sobreviver e que tinha arrumado outro marido para lhe ajudar a criar seus filho, então o Geraldo disse que queria agradecer o homem por ter ajudado ela a criar os filho dele, ele agradeceu e ela perguntou pra ele como ele tinha chegado, ele disse pra ela que tava em Suriname para onde levaram ele pra guerrear, ele tava andando um dia por lá ai viu uma imagem em uma loja, então ele pensou de fazer uma promessa, aí ele fez uma promessa com ela “que se

² Ataíde Barbosa André: 73anos, aposentado, morador da comunidade desde a juventude, participou da fundação estrutural e foi coordenador da festividade por dois anos, e continua participando.

³ Adalgisa Rodrigues André: 75 anos, aposentada, moradora da comunidade desde nascida, esposa do senhor Ataíde, participante da comunidade.

⁴ Termo usado na região para designar união estável, sem casamento oficial.

tivesse uma embarcação que viesse para o Brasil que tivesse como trazer ele, ele trazia aquela imagem”, assim deu certinho, que ele andando um dia foi lá pelo porto onde tinha um barco, ele perguntou de onde era, disseram pra ele que era do Brasil, então com tanta vontade de voltar pra casa, ele pediu a passagem e deram pra ele, aí ele foi lá na dita loja e comprou a imagem e trouxe a qual é a “nossa Senhora de Nazaré”, ele trouxe ela dentro da sua bagagem, foi aí que começaram a festejar por essa família do Geraldo. (ADALGISA ANDRÉ, junho, 2020).

Existe ainda outra crença em relação à origem da imagem, tal versão foi contada por um dos membros da família Sarges, chamado Orlando Gonçalves⁵, família esta que segundo ele herdou a imagem há muitos e muitos anos, abaixo segue o relato de seu Orlando:

Segundo meu pai e minha mãe, tinham umas pessoas da comunidade que compravam joias de Portugal, vinham os vendedores e vendiam, um dia vieram uns vendedores e trouxeram esta imagem de brinde para o marido de uma senhora chamada Cordulina que era da nossa a família Sarges, ela comprava muitas joias. (ORLANDO GONÇALVES, novembro, 2020)

O entrevistado menciona ainda a recomendação dos vendedores de que a santa deveria ser festejada, então logo a família começou o festejo, colocavam um lenço na ponta de uma vara e faziam a reza. Deste modo, foi aumentando a participação no evento, várias famílias começaram a participar. Com a morte do marido de dona Cordulina, seu filho foi quem ficou responsável pela imagem, era o chamado Brasilino. Assim ele começou a sair com a imagem visitando outros rios das ilhas de Abaetetuba, pois diz seu Orlando que “naquele tempo não tinha comunidade”, mas o povo era muito católico”, como nós bem enfatiza Junior apud Silva, (2008, p. 39):

Lembramos que a igreja católica nos anos 30 ainda não estava organizada com a estrutura paroquial que hoje conhecemos. Nas ilhas de Abaetetuba não se tinha comunidade eclesial, a fé deste povo era marcada pela esmolação de santos de devoção. O devoto que ia pagar a promessa organizava na sua casa a ladainha em favor do santo; era sempre uma casa grande para poder abrigar os parentes, vizinhos, amigos e foliões que administravam a reza da ladainha.

⁵ Orlando de Sarges Gonçalves: 81 anos, aposentado, ex-morador da comunidade, participou da fundação estrutural da mesma, foi um dos membros do grupo de foliões da santa.

Assim, um grupo navegava pelos rios vizinhos chegando até a outros mais longes, como Anequara, Sapucajuba, entre outros, com uma guarnição com a imagem e a folia, para fazer sua “passeata”, depois voltavam para a organização da festa, a qual teve como data determinada o mês de agosto. Portanto, no dia 26 de agosto era o círio, que sempre saía da casa de um senhor chamado Funileiro, esse senhor tinha uma filha que era a zeladora da imagem, por isso todo domingo trocava o manto da imagem. O círio era organizado deste modo: havia os juízes durante as ramadas, e estas eram, às vezes, organizadas por pessoas de outro rio como o Xingu, porque a organização da ramada era da seguinte maneira: aquelas pessoas que tocassem nela no final da festa já ficavam responsáveis em organizar tudo no ano seguinte.

O círio ocorria sempre à tarde, levantavam os mastros, havia o grande e o pequeno, e para cada um o seu juiz, tudo era bem enfeitado. Com a chegada do círio, já se fazia uma festa. No dia 27 do mês de agosto, acontecia o levantamento do mastro grande com a bandeira onde havia uma imagem da santa, seguia com uma festa de novo; quando terminava este festejo, iniciavam as novenas, que seguiam por 9 (nove) noites, em que cada família fazia uma noite, mandavam rezar, davam um cafezinho com “bejú de tapioca ou bejú chica”, como bem relatam os moradores mais antigos da localidade.

O dia 7 de setembro era o dia oficial da festa, em que a santa era trazida para cidade de Abaetetuba, havia missa, e logo depois os foliões/religiosos voltavam para fazer a festa na casa de seu Brasilino. No entanto, com a morte de seu Brasilino, a festa não foi realizada por aproximadamente 4 anos. Estando a casa muito antiga, a ponto de desabar, mandaram desmanchar a casa toda, se disponibilizando a vó do seu Orlando a custear a construção de outra casa; quando esta ficou pronta, a senhora encarregou o pai de seu Orlando com os cuidados com a casa e com a responsabilidade de dar continuidade ao festejo, e assim os momentos de tradição voltaram a acontecer.

Seu Orlando tem em lembrança que “aquele povo ali no rio Caripetuba trabalhava o ano todinho para gastar na festa”. No dia primeiro de maio, a santa saía para “passear”, como o dizem na região; e este “passeio” perdurava pelos meses de maio, junho, julho e agosto; no dia quinze de agosto, atravessavam a santa padroeira do rio Guajará de Beja para o Caripetuba, com a primeira “pernoita”⁶ na casa do seu Basílio; em todas as casas em que se ia com a santa havia o soltar de fogos, e como

⁶ Passar a noite num local para dormir.

rememora seu Orlando Gonçalves: “quem não soltava nada, soltava era uma dúzia de foguete, amodo que aquele rio ardia”; quando era dia vinte e cinco de agosto, era a última pernoita na casa do seu Funileiro, de onde saía o círio. Eis o início de mais uma festa.

Há época dos acontecimentos acima, a bebida alcoólica consumida era forte, “a cachaça mesmo pura”, como dizem os sujeitos da pesquisa, e só quem bebia eram os veteranos, os mais jovens, não; existia a dança também, a santa ficava em uma pequena capela no fundo da casa onde acontecia a festa. No que se refere a comidas, pouco se vendia, eram destinadas apenas a alguns leilões. Nesse contexto, seu Miguel Gonçalves⁷ relata que:

Bastava dizer que era festa dançante, era para dançar, a bebida naquele tempo era diferente de hoje, muita gente levava sua garrafa de cachaça, cerveja não existia e era aquela cachaça pura, bebiam pelo meio do mato, não tinha esse negócio de boteco, tinha uns festeiros que compravam uma frasqueira de cachaça e no último dia da festa colocava no salão ai uns bebiam ficavam porre por lá e iam pra casa. (MIGUEL GONÇALVES, OUTUBRO, 2020)

A visita que o grupo de foliões da comunidade de Nossa Senhora fazia às comunidades vizinhas ocorria com o objetivo de auxiliar na realização/concretude de promessas feitas à santa, com isso a imagem ganhava muitos presentes, até mesmo joias, entre outros donativos para serem premiados na festa. De acordo com os relatos daqueles que faziam parte da equipe, se fosse por vontade dos promesseiros, o grupo com a imagem permaneciam muito tempo em um só lugar, porque era muito admirada a visita da imagem com sua folia onde quer que passasse. Relatam ainda, sobre a tradição religiosa, que no próprio rio vinham santos também de outros lugares, e isso se dava em quase todas as semanas, pois quando um grupo saía, já se ouvia o barulho de tambor de outro na “boca o rio”.⁸

3.3 Ladainha e folia

Poucas pessoas na comunidade sabiam rezar a ladainha, era só um senhor que sabia recitar a ladainha até o fim, havia ali um impasse, pois o senhor nem sempre estava disposto a participar dos momentos religiosos ou, ainda, apresentava-se

⁷ Miguel Rodrigues Gonçalves: 80 anos, aposentado, morador da comunidade desde nascido, trabalhou na estruturação da mesma e segue participando nos dias de hoje.

⁸ Entrada do braço de rio.

embriagado o suficiente para não comparecer ao evento. Desta forma, seu Orlando relata que fez um “pedido a Nossa Senhora” para que pudesse ajudá-lo a aprender este ofício, assim não se precisaria mais incomodar aquele senhor; seu Orlando relata: “eu acho que ela estava ouvindo”. Dessa forma, ocorreu que no ano seguinte, durante o período da festa religiosa de Nossa Senhora de Nazaré, os foliões saíram para as visitas, chegaram até o rio doce na véspera de São João e lá havia uma pessoa que festejava São João, e os foliões ficaram na residência dele, porque ele era um dos grandes devotos da santa, assim rezaram a ladainha e depois arrumaram as coisas para ir embora mas o dono da casa não lhes deixou ir disse que ia pagar a diária da santa para que eles pudessem permanecer lá até o final da festa de São João, assim eles ficaram, pela noite realizaram a reza e a ladainha de nossa senhora, a de São João seria na outra noite no dia da festa mesmo. Porém, aconteceu que o rezador⁹ de São João não compareceu e o principal rezador da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré não conseguia fazer porque sua voz estava muito debilitada; o organizador do evento de São João entristeceu-se, pois alegava que aquele dia era destinado justamente para homenagear, em especial, com a ladainha o seu santo de devoção.

Foi a partir do fato acima descrito que seu Orlando disse: “eu vou rezar a ladainha”. No entanto, ele se propôs a rezar a ladainha do São João, o que nunca havia feito antes, por isso seus companheiros alertaram para o risco de se expor ao vexame (errar a ladainha significava ato vergonhoso à época e naquela região), já que a casa estava lotada. Seu Orlando disse que tinha fé em Deus, que o santo não ia deixá-lo passar vergonha, e então pediu que um dos foliões ficasse ao seu lado para consertá-lo caso errasse algo, mas ele não errou se quer uma palavra da ladainha, segundo relata, referenciando a importância do catecismo que existia na época para conseguir o feito. Desse momento em diante, seu Orlando e o outro folião alternavam-se na reza da ladainha durante as noites em que esse momento ocorria.

Os grupos de ladainha eram muito bem recebidos pelas famílias visitadas, a eles era servido café e até mesmo almoço, eles ficavam até as 16h00min na realização das visitas, depois iam para a casa da pernoita, onde tomavam banho e, às 18h00min, rezavam a ave-Maria, já por volta das 19h00min era servido o jantar. Ainda à noite, era aberta a bandeira na casa visitante, e cantada parte da ladainha.

⁹ Nome dado à pessoa com o ofício e habilidade de entoar/recitar as ladainhas.

A imagem com seu grupo de folia foram, em um evento, até Belém (capital do estado do Pará) em visita às casas dos ex-moradores do rio Caripetuba. Após apresentarem-se aos solicitantes das visitas, visitaram também uma igreja evangélica, por onde passaram, em que estava uma pastora que os convidou a entrar, como seu Orlando bem relembra:

Ela pediu para nós cantar a folia, ai nos cantemo e aquela mulher ficou só numa alegria, ela te pediu pra nos cantar de novo, quando terminou ela agradeceu muito nós, quando foi de noite nós rezemo na casa que nos tava hospedado e quando terminou nos demo a oportunidade o padre que tava lá, o padre deu a benção e ficou muito alegre e disse que queria que nós fosse lá na igreja na missa de perpetuo socorro, que ele queria fazer uma surpresa para o povo, então nós aceitemo o convite, entremo pela parte de trás da igreja, a missa foi celebrada e quando terminou o padre disse que não era para sair ninguém porque tinha uma surpresa para mostrar, ai ficaram, o grupo subiu no altar e cantou duas folias das melhores que nós tinha bem bonita, quando nos terminemo as pessoas aplaudiram e ficaram muito alegre e o padre disse que era a cultura de Abaetetuba. (ORLANDO GONÇALVES, novembro, 2020).

No momento e local relatados acima, havia uma pessoa do estado da Bahia, o qual chamou o grupo e lhes convidou para ir com ele, para mostrar lá a cultura de Abaetetuba, mas o grupo não pode ir.

Durante o festejo, acontecia ainda a alvorada nas casas particulares, porque os donos envolviam-se com o festejo. Desde as 05h00min, eles davam o sinal no tambor, assim o grupo sabia que eles queriam a folia em sua casa e logo se levantavam para cantar. Como parte do rito, as mulheres já levantavam também faziam o café. Abaixo, a figura 2 mostra o grupo de foliões junto à imagem e os instrumentos musicais utilizados.

Figura 2- Imagem da folia de Nossa Senhora de Nazaré Rio Caripetuba.



Fonte: Silvia André (1997)

Quando criança, seu Orlando era o porta bandeira na folia de Nossa Senhora de Nazaré; depois foi o mestre sala, que era o qual levava uma toalha no pescoço além da santa a fim de receber as ofertas feitas pelos féis, também sabia e sabe tocar viola. Ele confessa que fica relembrando aquele tempo, em que cada fim de dia, ele como mestre sala recolhia toda a oferta, conferia e guardava; os demais integrantes que faziam parte da folia eram o tamboreiro, violeiro, pessoa que tocava cuica, pandeiro, xexeque, maracá. Na imagem abaixo temos seu Orlando tocando sua viola, a qual tem desde o tempo das folias.

Figura 3: Seu Orlando tocando sua viola



Fonte: Silvia Leticia, acervo pessoal (2020)

3.4 Oratório

Os oratórios também eram denominados santuários dentro da comunidade e, de acordo com Miguel, “em cada uma das casas existia um oratório com seus santos, bem difícil a casa que não tinha um”. Estes oratórios eram bem trabalhados, em sua maioria, grandes e tinham seus resplendores de prata; dona Adagilson enfatiza “pensa era cada santo bonito”. A imagem de Nossa Senhora de Nazaré, inclusive, também era colocada em um pequeno oratório. No entanto, ocorreu que após certa missa, o padre celebrante alertou para o fato de estar a santa muito isolada, à parte, em uma capelinha do barracão - nesse sentido, ele quis enfatizar ao povo que este estava priorizando a festa profana à religiosa – o zelar, o celebrar, o respeitar. Desta forma, com o passar dos anos, a tradição dos oratórios perdeu certa credibilidade na comunidade, isto é, o que se concretizava como algo de muito respeito dentro de uma residência, foi deixado de lado por muitas famílias.

Na vida particular, no interior das casas, palco das intimidades domésticas e familiares, o oratório era um objeto indispensável. Em moradas dos mais ricos, ou em casas com paredes de taipa, foi uma constante e hoje encontramos os resquícios do que restou do antigo exercício religioso de orar perante os nichos repletos de imagens de santos. (SANTOS, 2014, p. 27)

Atualmente na comunidade, existem apenas dois oratórios, que mantêm diferenças dos mais antigos, segundo os relatos das pessoas mais idosas. Um dos oratórios pertence à senhora Maria do Parto Gonçalves¹⁰, a qual já mantém há 40 anos com cuidados e devoção esse espaço de oração dado a ela por herança da vó materna, esta que por sua vez também o recebeu como herança de outros familiares. Existe no oratório de Dona Maria um santo de maior devoção que vem ser São João, este era festejado por sua por muitos anos e, ao passar para suas mãos também, foi festejado por sua família por muitos anos, mas hoje em dia só se faz uma novena no dia 24 de junho, dia em que é comemorado o “dia do santo”.

No festejo de antigamente, muitas eram as programações, início era organizado com novenas que percorriam de 8 a 15 dias, era feita a ramada, um pequeno círio, era levantado o mastro do santo e, assim, na última novena se fazia a festa de conclusão com a rasgagem da ramada, dança e muito mais. Tudo isso, entretanto, vive apenas na memória coletiva.

Durante a entrevista, foi possível perceber o quanto dona Maria do Parto se sente feliz em ainda seguir a tradição do oratório, que de fato lhe dá fortalecimento na fé, explicitas em sua fala:

Muitos dos santos que eu tenho, que eu adquiri nesses anos agora, foi por promessas, por questões de fazer promessas por curas de doenças. Eu me sinto muito feliz por ainda ter meu oratório, porque eu o tenho como forma de recordação da minha vó que já faleceu e pelas graças alcançadas quando eu faço as orações na frente dele, onde eu e minha família estamos fazendo muito mais neste período da pandemia do covid19, agente acompanha o terço pela TV perante o oratório, assim a nossa fé e devoção só cresceram ainda mais e eu quero muito adquirir outras imagens ainda. (MARIA DO PARTO GONÇALVES, novembro, 2020).

Temos na figura 4, a imagem do oratório de Dona Maria, que fica localizado na parede de sua sala, o qual é regado de muitos cuidados e respeito.

¹⁰ Maria do Parto Gonçalves e Gonçalves: 55 anos, moradora da comunidade desde nascida, já foi umas das coordenadoras da comunidade, participante ativa da mesma

Figura 4- Oratório de Dona Maria Duparto



Fonte: Silvia Leticia, acervo pessoal (2020)

3.5 Organização das pessoas em função da devoção

As pessoas naquele período reuniam-se para realização da festa que assim ocorria: cada família no tempo da festa fazia uma noite de novena em sua e lá se rezava uma ladainha antiga, em latim, por isso eram poucos os que sabiam; acontecia apenas uma missa durante o festejo, geralmente no dia oficial de homenagem à santa (7 de setembro). As despesas com o deslocamento e estadia do padre da cidade até a comunidade eram custeadas por um senhor que, por promessa, responsabilizava-se com isto. Porém, não podendo o padre ir, a santa era trazida para a cidade onde era celebrada a missa, bastantes pessoas vinham com a santa em uma grande canoa. No que refere as festas, as famílias ajudavam-se na realização dos diversos trabalhos, na doação de algo para o leilão e na compra de fogos.

O evento da missa em comemoração à festa da padroeira era o único momento no ano em que se contava com a presença do padre na comunidade, considerando ainda que nem sempre pudesse ir, sendo por vezes substituído pelo Frade. Este se apresentava, segundo relatos, como “um homem com vestimenta preta com uma barba imensa”, o que gerava medo nas crianças. Outro fato importante em relação à presença do frade na

comunidade é que este rezava a missa em latim, o que dificultava o entendimento dos fiéis. Seu Orlando faz uma reflexão de que: “hoje a gente entende os padres, já sabe o que eles tão falando”, mas antigamente isso pouco ocorria, pois segundo ele, pouca coisa se sabia das escrituras sagradas e, ninguém tinha bíblia, naquela época na comunidade.

Ainda segundo o sujeito da pesquisa citado acima, o “povo era muito católico”, pois, relata seu Orlando, além de ritos, as próprias regras e penalidades giravam em torno da crença e devoção a Nossa Senhora de Nazaré: durante as novenas, junto à folia muitas pessoas se reuniam, “a casa ficava cheia”, para rezar cantada a Ave-Maria às 18h00min horas – “o povo ia pra ver aquele momento”; o grupo da folia era composto de pelo menos 5 pessoas, e em caso de algum deles praticar alguma conduta considerada ilícita, era registrado tal feito na fita da santa se utilizando de um nó¹¹, para cada ato “errado” fazia-se um nó na fita; no momento, pois, de rezar a Ave-Maria, a pessoa julgada ficava debaixo da bandeira e tinha que rezar 10 Ave-Marias para cada crime praticado, e a cada Ave-Maria concluída, dava-se um baque¹² no tambor; não existiam cadeiras; as mulheres que iam rezar ficavam no chão, todas de joelho, aquelas que iam cansando, sentavam-se no chão mesmo, até terminar a ladainha; os homens ficavam todos sentados em bancos e, quando concluíam, todos levantavam.

A imagem ficava sobre os cuidados da família Sarges que, segundo seu Orlando, herdara a imagem, mas a festividade contava com ajuda de várias pessoas, seja da comunidade como de outros lugares; os mesmos ajudavam voluntariamente e doavam inclusive, aparelhagens¹³. Rememora, ainda, seu Orlando que em determinada época não se via com frequência brigas na festa, o que passou a mudar após a inserção de grande quantidade de bebidas para venda no local.

Com o decorrer dos tempos, algumas mudanças ocorreram. A primeira igreja foi construída em madeira em um mutirão¹⁴, ou seja, várias pessoas da comunidade uniram-se para esse feito, pois só existia um barracão de festa construído de açazeiro; depois de alguns anos, foi construída a igreja em alvenaria, a qual já possui aproximadamente 40 anos existência; tudo era feito na base da união, do mutirão na comunidade. Neste período a festa passava pela administração de várias pessoas, sendo que cada grupo

¹¹ Entrelaçamento que se faz na extremidade de uma corda (fio, cabo)

¹² Batida no instrumento musical.

¹³ Estruturas sonoras de médio ou grande porte, muito utilizadas em festas para um maior alcance.

¹⁴ Mutirão é um trabalho coletivo, uma mobilização de caráter gratuito, onde ocorre a execução de serviços beneficente à comunidade

organizava a seu modo a administração do evento. Porém, seguindo o estilo das comunidades eclesiais de base, pertencentes à Paróquia das ilhas, a qual foi institucionalizada no ano de 1987, ocorreram algumas mudanças.

As mudanças trouxeram certo benefício à festividade. Uma vez que, por exemplo, houve um ano em que, sob a administração do senhor Horêncio (já falecido à época desta pesquisa), foram realizadas quinze noites de festa, porém esta era organizada de modo profano, logo após a novena em homenagem à santa. Neste período, vinham bandas de música, havia venda de bebidas, mas a festa não garantia muito lucro, ao contrário, havia maior preocupação com brigas por conta da embriaguez de alguns. As famílias junto aos líderes que organizavam a festa se mudavam para a comunidade neste período festivo. “Eis que era uma festa bonita, mas não progredia, não dava muita renda”, diz o entrevistado Ataíde André, um dos quais promovia a festa.

As pessoas da comunidade ajudavam-se mutuamente, tanto com trabalhos como financeiramente, porém houve um ano de dificuldades em que a comunidade decaiu muito, a ponto de quase não acontecer a festa. Foi neste momento que algumas pessoas foram até as famílias pedir ajuda e conseguiram promover a festa com muitos donativos; todos se surpreenderam, inclusive, o padre, com o volume de doações, chegando a ser possível ter saldo no fim. Neste sentido, podemos perceber que a união e a coletividade se fizeram presentes de maneira significativa nesse momento. Esta simbologia é importante para significar a ideia de coletivo, como bem nos fala Saraiva (2007, p. 62).

O fazer coletivo é uma das características das populações ribeirinhas, pois o trabalho nessas áreas tem como uma das grandes características ser um trabalho coletivo, um trabalho que conta com a participação de vários grupos e famílias. É festa, é de algum modo o reflexo desse trabalho coletivo, organizado de forma a ajuda mútua, da participação de grupos com interesses comum.

No ano seguinte, seu Ataíde foi convidado pela administração da comunidade católica para promover a festa, porque a administração estava pouco valorizada pela população e a comunidade encontrava-se em situação de dificuldades financeiras. Ele aceitou e comprometeu-se com tudo. Deste modo ele foi até a comunidade e analisou a situação na qual se encontrava, logo após começou a organizar uma maneira de promover a festa. Segundo seu Ataíde, começava naquela época a ter algumas pessoas acesso ao benefício de aposentadoria, então ele organizou uma lista das pessoas e foi

pedir para que ajudassem; um número de fiéis contribuiu com 5 cruzeiros cada um (o que era um bom valor à época). Após a arrecadação, o administrador da festa investiu na produção de 200 programas¹⁵ e resolveu solicitar contribuições também na cidade em Abaetetuba, ia aos comércios e explicava a situação que a comunidade estava, muitos ajudavam e com o dinheiro destes donativos conseguiu movimentar parte da festa. Tudo era devidamente anotado.

A segunda atitude do novo administrador foi convidar várias pessoas na comunidade que eram carpinteiros para que ajudassem na reforma do barracão, uma vez que este estava em péssimas condições, “caindo aos pedaços”; fizeram, pois, a reforma. Com estas mudanças, as pessoas da comunidade começaram a ficar alegres. Em relação às compras nos comércios na cidade, conseguiram comprar apuro o que era necessário para a realização das 8 (oito) noites de festa. Após, foi feita a divisão e distribuição de tarefas além de acionar as pessoas que as iriam executar. Para aquele ano, seu Ataíde contratou aparelhagem e comprometeu-se a doar sua própria casa para hospedar os DJ's¹⁶ bem como fornecer-lhes a alimentação. Relato mais específico em relação às questões econômico-administrativas da festa foi transcrito abaixo:

Olha cada noite era feito o balanço e era pago algumas conta, já no final da festa nós fazia o balanço total, pagava todas as despesa e sobrava um bom lucro que nós usava para fazer serviço na igreja em alvenaria que tava inacabada, como as porta, janela, ficando pronta a igreja toda bem pitadinha, ai no outro ano eu fui convidado de novo pra organizar a festa, ai eu fiz no mesmo esquema da primeira, só que nesse ano no fim da festa teve alguns fiado nos leilão e o padre tava para fora do país, chegou nesse ano e veio na igreja para celebrar uma missa e apresentar o balanço pro povo da comunidade e o padre apresentou o lucro, ai com isso o povo ficou muito feliz, mas tinha uma dívida na paróquia da antiga gestão que o padre cobrou, então eu paguei e entreguei, fiz minha parte enquanto organizador da festa naqueles 2 anos, mas não quis me comprometer mais. (ATAÍDE ANDRÉ, junho, 2020).

A visita do pároco à comunidade neste período passou a ser praticamente de mês a mês, porém custeado pela paróquia. O lucro da festa, portanto, era só para a comunidade, o valor destinado ao padre seria correspondente às despesas com a ida à comunidade para celebrar a missa no final da festa, no dia em comemoração à padroeira.

¹⁵ Folder de divulgação sobre o cronograma e objetivo das da festa religiosa.

¹⁶ Profissionais em manusear os aparelhos sonoros e em animar a festa no show de aparelhagem.

Em relação à catequese, os ensinamentos eram ofertados por um grande grupo da comunidade formado por, em especial, jovens, os quais ensinavam os saberes religiosos até mesmo em outras comunidades. Neste primeiro momento de formação do grupo catequético, o objetivo maior era de organizar a comunidade, ou seja, ainda não era destinada à realização de sacramentos. Este mesmo grupo destinava ajuda também para a construção de igrejas, na maioria das vezes o compromisso se dava pela juventude. Seu Ataíde menciona muito a questão do respeito pelo sagrado, pelas imagens ele diz, “tinha muito respeito, todo mundo respeitava, quando chegava uma imagem no rio era um respeito total, não é agora que o pessoal já não tem um respeito”. Neste momento da história da Comunidade de Nossa Senhora de Nazaré, os rezadores de ladainha eram em sua maioria jovens e adultos.

Outro momento de socialização e envolvimento mútuo pelas relações religiosas foi lembrado por seu Ataíde e dona Adalgisa, trata-se de um ano em que, durante a festa de Conceição, os foliões da comunidade foram convidados para rezar na festa na noite das ilhas¹⁷, a qual reuniu diversas pessoas de várias comunidades das ilhas para ver a folia; dona Adagilza diz que “não se tinha lugar pra sentar”, inúmeras pessoas estavam prestigiando o evento, pois este transmitido pela torre de conceição: “toda a cidade ouviu”, rememora dona Adagilza; os ex-moradores da comunidade estavam quase todos lá, pessoas idosas até choravam de ver aquela folia bonita, pois pensavam que não poderiam vê-la mais; mesmo o pároco da época, padre José, ficou muito admirado pelo momento tão bonito, segundo relata a fiel.

Com o passar dos anos, o círio da padroeira começou a ser organizado da seguinte maneira: ocorria um círio na sexta feira, com o povo da comunidade, e outro no domingo da missa; este sendo de responsabilidade dos ex-moradores da comunidade que moravam na cidade, residentes, em sua maioria, no bairro do algodão. O segundo círio saía da casa de algum dos moradores, em procissão fluvial, com a presença de muitas pessoas que se reuniam em grandes embarcações; havia, ainda, bandas musicais nas embarcações; aproximando-se da comunidade, havia fogos, músicas e muita alegria; chegando até o porto da comunidade, a santa era retirada pelos religiosos, e todos os fiéis e simpatizantes seguiam em procissão por todo o arraial até adentrar a igreja para a celebração da missa; após a missa, seguia a programação com venda de comidas, bebidas, leilões, bingos, dança; no fim da festa, a embarcação voltava para a cidade. Um

¹⁷ Dia programado para que as comunidades das ilhas possam celebrar enquanto Paróquia

ponto, entretanto, era negativo, era muito comum acontecerem brigas na festa e nas embarcações quando as pessoas já estavam embriagadas.

3.6. Sobre milagres da imagem

“Impossível falar de crença, religião, catolicismo, artes devocionais, sem perpassar pelas tríades do imaginário popular” (REESINK, 2005, p. 269). Segundo a autora Reesink (2005), esse imaginário, denominado “imaginário cristão”, é tido como a base para compreender as amplas relações envolventes do catolicismo, principalmente a relação dos cristãos com o milagre. Este que, segundo a autora (ibidem), é fenômeno que vem ser o ápice também da relação dos cristãos com a fé, formada pela história, pela crença, mas também que pode ser resultado de uma manifestação do sagrado em sua vida. Tal fenômeno refere-se a uma “hierofonia”, segundo (ELIADE, 1992, p. 13), em que se acredita que através da fé é possível alcançar a misericórdia da sua divindade e obter o milagre como resposta das suas súplicas, conseqüentemente das suas necessidades, como mostra a definição no texto de Minayo (1994):

A categoria milagre se reserva para significar consecução de um bem (saúde ou bem material ou espiritual) considerado de ser atingido pelas forças naturais ou pelos recursos ao alcance do devoto. Milagres serão, pois, a recuperação da saúde para os doentes desenganados da medicina, de aleijados, de cegos. Mas se considera milagre também para a família sem recursos financeiros uma intervenção na vista de uma criança, intervenção tida como imprescindível pelos médicos, a recuperação por meios sobrenaturais dessa vista. Milagre também será para o devoto de classe social elevada a recuperação do filho drogado ou a volta ao lar da filha de que desaparecerá.

Sobre milagres da imagem de Nossa Senhora de Nazaré do rio Caripetuba, foi possível perceber que para os fiéis desde muito tempo a santa realiza muitos milagres e, por isso, é muito respeitada na comunidade. Não foram muitos dos sujeitos da pesquisa que fizeram as promessas, mas eles dizem saber de muitas pessoas que fizeram suas promessas e alcançaram as graças. Seu Ataíde diz ter uma fé muito grande em Nossa Senhora, pois já alcançou muitas graças, “abaixo de Deus, ela é minha protetora”, disse ele.

Assim, é importante destacar que essa crença no poder do milagre está intimamente ligada à historicidade da religião, neste caso aqui defendido, do catolicismo, tendo como principal instrumento de existência os textos e/ou bíblia sagrada. Neste sentido, apesar da “pouca valorização” nos dias atuais, ainda é possível

se encontrar a bíblia e outros textos religiosos nas casas das famílias da comunidade em pesquisa, e é nesta relação fé-povo-instrumentos que nos permite conhecer a história de fé dos tempos passados, significá-las nos tempos presentes e repassá-las para as futuras gerações.

3.7 Depoimentos de fatos que ocorreram nas peregrinações com a imagem

Segundo seu Orlando, a imagem faz milagres sim. Na visão dele, alguns fatos históricos são como milagres, ou seja, conta ele que em certa vez em que foram para uma comunidade chamada Curuperé, com o grupo de foliões e a imagem, ocorreu um fato que todos ficaram surpreendidos.

Dessa vez aconteceu assim eu: fui trocar o manto da imagem, nesse tempo era eu que era a pessoa responsável por isso, aí eu tirei da mala de madeira que ele tava e colocou nela, porque era assim esse manto ficava de noite e devia ser retirado pela manhã seguinte para seguir com as visitas, quando eu fui trocar o manto que tava na mala ele tava cheio de um capim com umas florzinha de pancuan, aí eu chamei um dos folião e mostrei ele ficou admirado, daí várias outras pessoas foram ver e ficavam perguntando pra eles mesmo como tinha sido pra aquele capim tá ali, porquê do modo como eu deixei fechado não tinha como entrar nada lá, então isto foi uma grande admiração pra todos que viram eu acredito sim que isso foi um milagre.(ORLANDO GONÇALVES, novembro, 2020).

Em outra vez, estavam no rio Assacú, em uma época em que havia uma epidemia, na qual os porcos eram infectados e morriam, e eis que uma dona de porcos falou que se a nossa senhora fizesse com que os porcos dela não morressem dessa doença, ela iria tirar uma porca para matar e dar no almoço dos foliões no ano seguinte se fossem até sua casa para a folia. Então, assim aconteceu no outro ano, os foliões voltaram, os mesmos e na mesma casa, cantaram a folia, ficaram conversando, depois veio um neto da senhora e disse “vovó a senhora não vai mandar matar a porca de nossa senhora de Nazaré para dar comida para os foliões”; ela disse “não, que porca já? Tá ficando doido?”; neste momento, um ficou olhando para o outro e ficaram calados, permanecendo na casa por mais algum tempo. “Ocorreu que, estando os porcos no quintal da casa, uma das porcas só “virou” e caiu morta, eles presenciaram e ouviram quando a criança gritou: “olha vovó a porca da nossa senhora de Nazaré morreu”.

Compreende-se, portanto, que as promessas são mais do que tudo um “pacto” com o santo, mas elas devem ser pagas de maneira certa, pois segundo Galvão:

Os santos podem ser considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios. A relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa. Cumprindo aquela sua parte do contrato, o santo fará o mesmo. Promessas “são pagas” adiantadamente, para se obrigar o santo a retribuir sob a forma do benefício pedido. (1976, p. 31)

Por este prisma, também o santo pode castigar se por ventura alguém difamar ou criticar por não acreditar, como bem menciona seu Orlando ao relembrar de uma das suas idas para outras comunidades.

Agente tava no rio Assacu, saindo nas casas nós ia passando em uma residência que estava um homem cortando de machado e que tinha um parceiro que disse a ele “olha deixa a santa passar” e ele nem deu atenção quando nós já tava lá na frente soubemo da notícia que ele tinha quase atorado o pé. (ORLANDO GONÇALVES, novembro, 2020).

3.8. Outros santos de devoção da comunidade

Segundo os entrevistados, além da imagem de nossa senhora de Nazaré, existiam outras imagens de devoção na comunidade, como a de São João (festejado em outra margem do rio, chamada Igarapé-açu, no dia 24 de junho); nossa Senhora Santa Ana, (também em outra margem do rio chamada Garimpo, no dia 26 de julho, na casa do seu Anízio); São Sebastião (na mesma margem, em 20 de janeiro); depois com o passar dos anos, seguiu com são João e Santo Antônio ambos de herança (festejados na margem do rio, chamada Canudo, no dia 24 de junho); São Tomé; e, outro São João, para o qual havia apenas a ladainha na residência do senhor Funileiro, que depois de sua morte passou a tradição para outro senhor e este saiu do rio, deixando para outras pessoas da família a responsabilidade de festejar o santo, os quais já começaram a festejar no dia 24 de junho, com novenas durante uma semana e depois a festa dançante. A Santa Ana era uma imagem que saía por outros lugares o ano todo, com o objetivo de adquirir renda para o seu festejo. Neste último caso, segundo o senhor Ataíde, se fazia “comércio da santa”.

Em uma residência de um antigo morador já falecido, chamado por apelido Lélé, era realizado o mês mariano, com novenas por 30 noites; no fim se fazia uma festinha a qual denominavam de “mucura”; ao longo do rio, também existiam muitas rezas, porque nele havia muitas imagens, as quais as famílias festejavam com muita animação. Existiam também os cordões juninos; o cordão do boi festejado no mês de

junho que animava muito a comunidade-*locus* com suas apresentações, assim como os de outras comunidades, às quais os brincantes do cordão do boi eram convidados a participar.

Essa questão de manter a fé em outros santos de devoção, além da padroeira Nossa Senhora de Nazaré, era bem comum e em algumas comunidades ainda o é, porque as pessoas têm seus costumes de gerações, como bem esclarece Saraiva (2010, p.150):

A devoção aos santos e a realização de festas têm características peculiares, posto que exista o santo de devoção que são individuais e existe o santo padroeiro da comunidade. A devoção individual a um santo leva o ribeirinho a prestar suas homenagens de forma isolada, no âmbito de sua residência e/ou capela; já os santos padroeiros entram no calendário festivo das comunidades. Passam a ser comemorações coletivas de uma crença que perpassa apenas um indivíduo, chegando a congregar toda a comunidade em torno daquele santo.

Com o passar dos anos, a devoção aos santos com festas nas casas perdeu certa credibilidade e já se configura como um costume. Há na comunidade só um santo, São João, que ainda é celebrado em residência particular; o senhor Paulo Gonçalves é quem festeja o santo, no entanto ele já não realiza festa com antes, somente há um momento de celebração no dia 24 de junho, dia que se comemora o santo.

4-CAPÍTULO III: A ARTE DA DEVOÇÃO: ORGANIZAÇÕES E PERMANÊNCIA DA FESTIVIDADE EM MEIO ÀS MUDANÇAS NOS DIAS ATUAIS.

4.1 Organização da comunidade nos dias atuais.

Hoje em dia, a comunidade existe sob outras formas de organização, esta se dá através das pastorais existentes que, em conjunto, formam a coordenação de pastoral (CPC). De forma mais detalhada, formando a CPC existe a coordenação geral e os demais membros, os quais são organizados pela representação de cada pastoral, sendo elas: Pastoral da Liturgia, Pastoral da Criança, Pastoral social, Pastoral do Dízimo, Pastoral da Catequese, essas pastorais são nos dias de hoje os pilares de sustento da comunidade, das quais não se dispunha no passado.

A pastoral da liturgia: esta é responsável por organizar as celebrações conforme recebe formação na paróquia das ilhas; tal pastoral não possui uma coordenação própria dentro da comunidade, mas há pessoas que assumem a responsabilidade de ir às

formações e repassar para a comunidade o que apreenderam. Esta equipe faz a vivência, ou seja, para cada celebração de domingo há uma espécie de “ensaio” em um dia da semana, assim é possível fazer análises de erros, a fim de corrigi-los; tudo é preparado para que não ocorram ou se diminuam erros na celebração, tudo é bem planejado. A comunidade hoje conta com 3 grupos de celebração, destes um fica responsável por celebrar em determinado domingo; também realizam alternadamente momentos de missões, orações, a leitura orante¹⁸ nas famílias, bem como novenas como as da campanha da fraternidade, mês mariano, Natal, Páscoa e da própria festividade da padroeira. Na imagem seguinte, registram-se os três grupos saindo para realizar missão nas famílias.

Figura 5- Grupos saindo em missão.



Fonte: Silvia Leticia, acervo pessoal (2017)

A pastoral da liturgia conta um auxílio muito valorizado por todas as comunidades, isto é, a transmissão pela rádio conceição das vivências das celebrações em todas as quintas feiras, o que ajuda muito, pois as formações não são a cada mês. A pastoral da liturgia é de suma importância, porque ela é quem dá vida à comunidade através de tudo que realiza.

¹⁸ Momento no qual é realizada a reflexão da leitura do domingo

A pastoral da catequese: esta não é “nova” na comunidade, mas com o passar dos anos estruturou-se de maneiras diferentes, trabalha com a formação para vários sacramentos como o batismo, a eucaristia, a crisma – dentro desta o matrimônio e outros dois sacramentos que o catequizando ainda não tenha em sua vida, sendo eles o batismo e a eucaristia. As diversas catequese acima descritas estruturam-se segundo formações paroquiais, recebem os catequistas a formação assim como também o material com que trabalham. No batismo, é feita a formação dos catequistas e posteriormente para os pais e padrinhos; parte das formações é realizada na comunidade, outras nos lares das famílias, obedecendo algumas “regras”. Tais regras consideram que o casal de padrinhos ou deve ser casado ou solteiro, além de necessariamente participar ativamente dos encontros; caso contrário, não é realizado o sacramento, o que ainda acontece bastante, porque na maioria das vezes os pais ainda não compreenderam o real sentido do sacramento e escolhem padrinhos que moram longe, que de fato não seguem as “regras” estabelecidas pela igreja.

A catequese da eucaristia: como as outras, segue a partir de formação na paróquia; os encontros com os catequizandos e com os pais são realizados dentro da comunidade, normalmente é uma caminhada de fé que percorre por 2 anos; os encontros são bem organizados, se utilizam a bíblia e o livro do catequista, do catequizando e o da família; não só é necessário a participação dos formandos nos encontros, como também nos cultos dominicais, novenas, grupos de leitura orante. Assim, a comunidade nesta nova conjuntura de processo de iniciação à vida cristã já realizou 3 (três) processos sacramentais.

A catequese da Crisma de jovens e adultos com formação paroquial também celebra o sacramento do batismo, eucaristia e o matrimônio, neste último caso quando o catequizando ainda não o realizou, mas quando já o tem, só faz a renovação dos votos. O processo também é de 2 anos, com encontros, participação nas novenas e celebrações nas quais ocorrem os rituais. Quando ocorre o contrário às regras para realização do sacramento, ou seja, quando as pessoas deixam de fazer tais participações, é comum que haja desistência bem como dissolução dos grupos de formação em caso de haver pouco membros “caminhando na fé”. Entretanto, a comunidade já conseguiu realizar 3 (três) formações neste processo; após receberem sacramento, algumas pessoas assumem alguns compromissos na igreja, como o de trabalhar em alguma pastoral, mas ainda são poucos os quais se dispõem totalmente, a maioria não assume de forma eficiente e responsável sua função.

A pastoral social: não conta com uma coordenação dentro da comunidade, mas recebe formações na Paróquia; sempre quem participa são alguns membros de cada pastoral; durante a formação buscam-se por defender direitos, lutar pelo social, como, por exemplo, pela luta do território que sofre ameaças dos “grandes projetos” planejados para esta região, também há luta por benefícios sociais, os quais a comunidade já obteve êxito por consequência da união do povo em geral.

Pastoral do dízimo: também com formação paroquial, o dízimo é de muita importância na comunidade porque ajuda a manter a igreja financeiramente. O dízimo é coletado todo mês em envelopes, mas tal sacramento não segue a porcentagem de 10%, como o próprio sentido da palavra sugere, o dizimista oferta o que puder, isto é, não se determinam valores, além de que não há obrigação em realizar tal oferecimento. A comunidade conta com dizimistas mirim, jovens, adultos e idosos. No fim de cada mês, é feita a prestação de contas do que foi gasto com o dinheiro, sendo que 50% seguem para a paróquia para pagar os cursos de formação que a esta realiza durante o ano, e 50% ficam na comunidade, o que ajuda nas despesas de manutenção da comunidade religiosa e auxilia pessoas necessitadas com remédios, cestas básicas, dinheiro.

A pastoral da criança: recebe formação na paróquia, mas também na secretaria de saúde; conta com uma equipe para a efetivação de seu trabalho que demanda visitas nas famílias pelos líderes e pelos ACSs, (agentes comunitários de saúde), os quais frequentam a comunidade, sendo também membros da coordenação, realizando um trabalho mais eficaz.

A pastoral da juventude: atuante na comunidade, mas não mais de maneira tão efetiva, a maioria dos jovens estuda na cidade e somente vai aos fins de semana para a comunidade, ocorrendo às vezes de muitos não irem com frequência, o que permite o fracasso de sua participação. Os encontros são orientados pela pastoral da juventude na paróquia e também em encontros que reúne todas as comunidades das ilhas, tais como os denominados Páscoa jovem, natal jovem, domingo alegre. Nestes momentos, a juventude celebra, festeja, canta, dança em um sentido religioso, mas antes desses eventos são realizadas as missões, nas quais os jovens são encaminhados para diversas comunidades a fim de disseminar conhecimentos e experiências de fé. Na festividade, os jovens têm sua noite de celebrar a missa, momento geralmente muito bonito e elogiado.

A comunidade conta também, como muitas comunidades das ilhas de Abaetetuba, com o projeto da Caritas, que é um projeto com financiamento alemão e

que trabalha no enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes. Por meio deste projeto são destinados encontros em que são trabalhados com as crianças e adolescentes assuntos de forma a orientar e prevenir crimes contra estes; outros eventos ocorrem com o povo em geral na comunidade; se fazem ainda ocupações nas escolas de cunho informativo, com orientações da equipe paroquial e conta com lideranças das comunidades, que são os chamados de agentes caritas.

Diante do exposto, podemos dizer que as pastorais, hoje na comunidade, são o verdadeiro alicerce que fundamenta a vida em comunidade, são elas que trabalham para garantir o verdadeiro sentido de comunidade, esforçando-se para que seu povo conquiste direitos, participe mais da igreja. Podemos compreender esta afirmativa de forma mais explícita nas palavras de Anazilda Gonçalves¹⁹ atual coordenadora da comunidade.

Trabalhamos Incentivando o povo, mantendo a evangelização, trabalhando as pastorais no meio do povo para que possa ser o sustento da comunidade e cada vez mais assim incentivando a participação e animando, a evangelização é feita o ano todo, a gente no início do ano já começa com o tempo da quaresma fazemos as novenas nas famílias, o mês mariano, pentecoste, a campanha da fraternidade, o mês vocacional, o mês de outubro, o advento, então assim vai se dando todo tempo, a igreja caminha em missão, em evangelização com as famílias, não só pelo período da festividade, mas é o ano inteiro, é visita na casa de um doente, é novena, tudo preocupa a gente como comunidade. (ANAZILDA DIAS, agosto, 2020)

No que diz respeito às visitas do padre à comunidade atualmente, depende muito da agenda organizada pela Paróquia e da necessidade da comunidade, às vezes, ele chega a ir até 4 (quatro) vezes, mas geralmente menos de 2 não acontece no ano. Ocorre que é 1 (um) padre apenas para atender 62 comunidades, e, com tantas responsabilidades frente a direção da Paróquia, é comum que nem sempre haja tempo de visitar muitas vezes ao ano uma mesma comunidade. Mas existem momentos em que se torna crucial a presença do padre tais como: os casamentos, batizados e a missa oficial da festa da padroeira. No entanto, na ausência do padre, há atualmente dois diáconos que assumem inclusive a realização de casamento ou batismo, e com isso a comunidade pode ser mais assistida nos últimos anos. Portanto, se faz de fundamental importância o papel dos diáconos, pois estão ajudando muito nas organizações das comunidades. Há

¹⁹ Anazilda Dias Gonçalves: 48 anos, moradora da comunidade desde nascida, atual coordenadora geral da comunidade católica.

também a equipe de coordenação, a qual assume diversas responsabilidades de cunho administrativo-religioso na ausência dos religiosos por formação citados acima.

4.2 Momentos do festejo

Hoje em dia a festividade é organizada da seguinte maneira, ela já inicia no mês de julho com as peregrinações nos lares familiares, todas as famílias católicas da comunidade são visitadas, sendo que estas visitas são organizadas com 3 (três) imagens peregrinas, pois a original permanece na igreja, para que possa ser mais preservada. Na página seguinte, registramos a imagem original de Nossa Senhora de Nazaré.

Figura 6- Imagem original de Nossa Senhora de Nazaré.



Fonte: Silvia Letícia, acervo pessoal (2017)

Quando se iniciam as peregrinações, é feita uma celebração especial em que é dada a bênção às imagens e aos grupos que irão acompanhar este momento. O momento é muito esperado e por isso recebe uma participação maciça; a cada visita vai crescendo o número de pessoas no grupo, na novena ainda mais; cada reunião é realizada com muita animação e alegria, pois são utilizados alguns instrumentos musicais como tambor, pandeiro, afoxé que ficaram como uma lembrança dos tempos da folia. Assim é realizada a acolhida das famílias com cantos animados, após seguindo os ritos da novena com orações, leitura do evangelho, ladainha e, no final, sempre as famílias

compram prêmios e organizam um bingo e um lanche bem semelhante com que ressalta Saraiva (2007, p.67).

As novenas aparecem como momentos de encontro do povo com a divindade, com o evangelho e com a reunião da comunidade em torno da figura do santo padroeiro. Dentro da festa elas são as atividades sagradas que antecedem o dia principal do evento, tendo por característica ser conduzida pelo representante da igreja, com as atividades pertinentes de um culto: cânticos, leitura de textos bíblicos, comentário do texto lido, ofertório. Os devotos do santo padroeiro aproveitam este momento para ofertar suas orações, agradecer e refazer seus pedidos. É um dos momentos de júbilo religioso, já que no início é sempre feita a entrada da Imagem do Santo, trazida pelo grupo responsável da noite; mostrando a consagração do seu trabalho em oferta ao santo.

Com o término das peregrinações, é organizada uma celebração de encerramento a qual conta com momentos de apresentação e muitos agradecimentos pelo período vivido, na imagem seguinte é mostrado a chegada das imagens na igreja, onde se finaliza as peregrinações.

Figura 7-Imagens peregrinas chegando para a celebração que finaliza as novenas.



Fonte: Silvia Letícia, acervo pessoal (2018)

Mesmo neste período de peregrinações, já são dados vários direcionamentos da festividade, é feita uma reunião que visa o convite para os trabalhos que a festa exige. Assim as pessoas sempre estão dispostas a ajudar e dão seus nomes para servir à comunidade em honra à padroeira, e até muitos tem essa doação de trabalho como promessa. O trabalho da cozinha é organizado em outro momento, este é feito pelas mães, estas que incansavelmente dedicam-se plenamente neste serviço, dobrando noites cozinhando, muito alegres e felizes por estarem ajudando a comunidade, pois segundo Saraiva (2007, p. 64).

O festejo demanda como foi falado uma carga de trabalho considerável, tais como: pintura e reforma da igreja, limpeza e ornamentação, confecção do andor e do altar para a imagem da santa, organização dos espaços para os acontecimentos do festejo (baile, torneio de futebol, limpeza da comunidade, entre outros). Todas essas atividades são realizadas pelos moradores da própria comunidade, homens e mulheres que deixam seu trabalho, sua atividade de sustento para trabalharem para o festejo

A comunidade segue nas vendas de rifas, as quais ocorrem todos os anos porque a comunidade dispõe de prêmios advindos de doações de ex-moradores, comerciantes da cidade, outras pessoas da comunidade. Tais doações acontecem assim que é entregue o programa da festividade na casa dos próprios da comunidade e dos ex-moradores, os quais moram tanto na cidade de Abaetetuba, quanto em Belém, em outros rios. O programa é uma espécie de convite para a festa, o qual não cobra valores, mas os convidados sempre costumam doar uma quantia simbólica ou doam algum prêmio para ser feito um bingo, isso como forma de ajudar no que vai ser preciso para a organização da festa. Neste período também é organizado o enfeite dos ambientes, camisas, compras, faixa de convite, pinturas, limpezas, apresentações, aparelhagens, etc.

A coordenação da comunidade costuma dizer que a festa inicia com as peregrinações, mas sua efetivação se dá no terceiro final de semana de outubro, após o círio de Belém. Na exata semana da festa, os diversos trabalhos como as compras, lavagens, as limpezas se acentuam; na quinta feira da referida semana, tudo já vai sendo organizado nos ambientes: mesas e cadeiras são entregues e logo depois de lavadas; a comida, preparada para o dia seguinte; o som vai sendo montado; é instalada a iluminação; o arraial, o barracão e a igreja são ornamentados; os ensaios das celebrações são feitos; e, no final da tarde, é feita a transladação da imagem até a residência de onde irá sair o círio na sexta feira.

Ainda na quinta-feira, na residência de onde sairá círio, é ornamentada a berlinda e, com a chegada da imagem, é feito um momento de oração com as famílias vizinhas. Na sexta-feira, dia do círio, como de costume, as famílias acordam ainda pela madrugada para enfeitar suas residências e embarcações que acompanharão o círio como forma de homenagem.

O círio inicia com uma celebração e, antes de sair, as famílias responsáveis, como de costume, distribuem um lanche. Após sair, o círio formado pelas embarcações segue pelos rios, com cantos, homenagens e fogos; a imagem é posta em uma embarcação de maior porte por conter também os promesseiros; as demais se juntam a essa e o círio segue com um roteiro de orações, cantos; das residências às margens do rio, veem as homenagens com cartazes, imagens pequenas enfeitadas e muitos fogos; os idosos que não podem ir acompanhar ficam de suas residências olhando e também prestando sua homenagem; o círio segue até uma margem do rio. Chegando à igreja, segue uma procissão em torno da comunidade, momento este muito bonito dentro da comunidade, como bem fala dona Anazilda Dias, atual coordenadora da comunidade.

A participação dos devotos se dá através daquele preparar tudo para que a festa de fato aconteça naquele clima bem bonito, os devotos de nossa senhora querem se preparar com fogos, com homenagens, quando a santa passa na frente de suas casas, tudo já está preparado seu enfeite, sua homenagem, muitos colocam uma pequena imagem em um altar e assim a gente vê o povo nas compras de foguetes, naquela alegria, aqueles que vão pagar promessas, aqueles que levam as crianças vestidas de anjos, aqueles que levam velas durante o círio, a gente vê assim que de qualquer forma o povo quer manifestar a sua fé, quer viver aquele momento forte na vida da comunidade. Tem família que só participa de ano a ano na igreja, no período da festa, é um momento que arrasta as pessoas, tem pessoas que não participam ativamente na igreja, mas eu duvido se pelo tempo da festa ele não vai tá lá, ele participa e isso deixa a gente assim muito feliz. (ANAZILDA DIAS, agosto, 2020).

Neste sentido, há muitos objetivos que levam os fiéis a se unirem e reunirem no momento de um círio, porém a crença predomina sobre a coletividade, assim como a cultura, a religiosidade e a busca do conviver em sociedade.

Figura 8- Imagem da saída do círio.



Fonte: Edenilda Negrão, (2019)

As homenagens são sempre organizadas sejam elas na frente das casas, sejam nas embarcações, os grupos de catequese e em alguns momentos a escola organizam as crianças para também homenagearem a padroeira na passagem do círio, o que ilustra a imagem 9, logo após, a imagem da passagem do círio.

Figura 9- Crianças fazendo homenagens.



Fonte: Silvia André (2012)

Figura 10:Passagem do círio.



Fonte: Silvia Leticia, acervo pessoal (2019)

Com a chegada do círio, segue a celebração, a qual foi iniciada na saída do círio; quando a esta termina, segue a programação com músicas, vendas de comidas, refrigerantes, bolos doces, brinquedos, também são realizados leilões; as famílias começam se organizar para o almoço na barraca, outras compram e levam para almoçar em casa. Por volta das 14h00, se encerra a programação e a coordenação já convida para a celebração da noite. Na noite, é feita uma pequena celebração, com um número reduzido de fiéis, porque a maioria só participa no círio pela manhã, quando os ex-moradores e promesseiros juntam-se também a este momento de fé.

Em relação ao sábado do festejo, já se vê uma noite em que a participação de diversas pessoas aumenta, isso porque durante o dia chegam ex-moradores, amigos de outras comunidades, pessoas que já têm como promessa sua participação na festa. Desta forma, as casas se enchem de gente e pela noite o arraial também é bem povoado. Neste dia, chegam as doações, os prêmios da rifa que as pessoas trazem e a há grande movimentação na cozinha para fazer a comida para noite e já também para o domingo.

A celebração é organizada pela pastoral da juventude, a qual geralmente obtém êxito na tarefa. Após a celebração, segue a programação com leilões; muitas das famílias costumam jantar na barraca, mas alguns também compram e levam para suas casas; no barracão é possível acompanhar apresentações organizadas pelas pastorais. Por volta de 01h00, é encerrada a programação, e quem permanece no espaço é parte da

coordenação, as mães que dobram noites cozinhando, as pessoas que trabalham com alugueis de brinquedos e alguns jovens que ficam para ajudar na vigilância do local, por conta de medo de Assaltos, pois por alguns anos a comunidade já foi vitimada deste mal.

O domingo é o grande dia da festa, quando acontece a missa presidida pelo Padre da Paróquia das ilhas, com início às 09h00min horas da manhã. A missa é um momento muito importante e assume um sentido ainda de muito respeito pela comunidade e dos que dela participam nesse momento de fé. A igreja fica totalmente lotada, sem espaços para mais pessoas, muitos são os que ficam pelos arredores da igreja, no arraial, na barraca. Na imagem a seguir se tem o registro do domingo da festividade.

Figura 11: Domingo da Festa.



Fonte: Anselmo Ferreira, (2019)

Foi possível perceber nas entrevistas que o momento da missa no domingo é um dia recheado de emoções, as pessoas ficam bastante emocionadas, cumprem suas promessas e são feitas apresentações em homenagem à padroeira, como mostra a imagem a seguir:

Figura 12: Apresentação da coroação de nossa senhora



Fonte: Silvia Leticia, acervo pessoal (2019)

Após a missa, seguem as programações feitas nos dias anteriores, mas de maneira muito mais acentuada, porque o público dobra em número e a demanda é grande nas diversas vendas; são muitos prêmios leiloados, desencadeando assim em poucos intervalos entre um leilão e outro. Mesmo se encaminhando para o final da festa, há a continuidade de muitos leilões, sendo que existe um que traz um valor simbólico, trata-se do mais esperado deles que é o da padroeira. Neste leilão, as pessoas que doam por motivos de promessas querem arrematar o prêmio, outros grupos se unem também, assim acontece sempre alta concorrência, o que permite que este seja o leilão de maior valor da festa.

Figura 13: Bolos doados e comprados para leilões e a fila para compra de comida.



Fonte: Silvia Leticia, acervo pessoal (2019)

Neste dia também é feito o sorteio das rifas de 1 a 2 horas, de 5 em 5 prêmios. A venda de comida é muito grande, vende-se ao mesmo tempo em que se cozinha, porque a demanda é grande, uma vez que as pessoas além de almoçar levam para jantar em suas casas; alguns, ainda, compram para doar para outras famílias. Com o fim da festa, permanecem as pessoas que das mais variadas formas trabalharam durante a realização deste evento; elas começam a organizar o ambiente, limpam, carregam as mesas e cadeiras, o som, guardam os brinquedos; as cozinheiras organizam a cozinha; e tudo é encerrado com uma grande oração em agradecimento pela festa realizada. Pela noite, permanecem ali parte da coordenação e alguns jovens; a comunidade conta também com uma guarnição da Polícia Militar, que faz a vigilância do espaço por conta dos episódios de assaltos pelos quais a comunidade já passou, assim todo ano a coordenação da festa leva um ofício e consegue no batalhão com que estes policiais assistam a comunidade, o que já ocorre há 3 anos.

Deste modo, se finalizam os três dias de festa, e a coordenação segue com sua programação normal nos cultos dominicais, faz a prestação de contas da festa na paróquia, onde há a divisão dos lucros entre sede e comunidade, sendo exposta na igreja a prestação de contas pelo responsável financeiro do evento.

A festa em si simboliza muito para os moradores, uma vez que, mesmo com mudanças significativas, a fé prevalece cada vez mais forte, sendo que certas mudanças trouxeram melhorias significativas, que demonstram uma verdadeira festa religiosa, segundo o que avalia a coordenadora da comunidade:

Ah sei lá eu pra mim melhorou cem por cento as mudanças que já aconteceram em relação a festa pra mim foram mudanças mesmo muito significativas, pra melhor mesmo, cada vez melhor eu vejo, porque antigamente se fazia a festa profana, aquela festa só assim com aquela ladainha, depois aquela festa profana com bebidas e tudo mais, depois passou para ser festejada na igreja já não era mais nas casas, mas continuava também e depois com uns tempos que a gente ver assim que a igreja adota os festejos, as ações dentro da comunidade sem a bebida alcoólica, a gente viu que houve uma mudança muito grande, mas pra melhor, quando a gente foi comunicado dessa decisão da nossa igreja de não haver bebida alcoólica na festa isso foi um impacto muito grande em todas as comunidades muitos falaram “acabou agora a festa nas comunidades quem é que vai participar de uma festa que não tem bebida alcoólica, agora não vai ter graça mais, eu vejo que o primeiro ano foi aquele impacto, mais depois que o povo passou entender melhor que a festa mesmo que agrada à Deus, a verdadeira festa é dessa forma, agora existe uma diferença maior ainda porque o povo colabora mais, está mais consciente do que está fazendo, está mais consciente da evangelização, não se ver ninguém reclamar por não ter bebida, eu vejo que mudou tanto que a gente ver que as pessoas se sentem tão feliz de está naquele ambiente com a família, com todo mundo conversando

naquela diversão por ser um lugar mais seguro de estar, a gente ver que as famílias estão ali à vontade, todo mundo consciente junto com sua família tranquilo , então foi pra melhor mesmo, hoje temos muitas vendas, brinquedos para as crianças, isso faz com que o povo se sinta à vontade naquele ambiente e a participação sem dúvidas nenhuma melhorou bastante, a gente ver quanta gente dá agora, a gente fica admirado de olhar, com vendas de comidas típicas, o açaí, a gente ver a unidade das comunidades que vêm participar porque fazemos uma troca eles vem na nossa e Vamos nessa perspectiva, sendo na união comunidades de comunidades, de esta se ajudando, somando, fortalecendo a vida das nossas comunidades. (ANAZILDA DIAS, agosto, 2020)

Assim podemos perceber na festividade de nossa senhora de Nazaré o catolicismo popular como elemento próprio dessa cultura, estando propício a algumas mudanças. Porém sempre se adaptando às nossas vivências com o decorrer dos tempos, tendo assim a memória como principal instrumento mediador entre o presente e o passado, permitindo a permanência dessas vivências religiosas, transmitidas por gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível perceber ao longo deste trabalho, objetivei analisar a festividade de Nossa Senhora de Nazaré no Rio Caripetuba, partindo dos fatos que permanecem enquanto legados da tradição, aqueles que por várias razões modificaram-se. Desta forma, busquei os registros da origem da imagem; como a festa era realizada antigamente; quais as tradições da época. Isso tudo com os relatos dos mais idosos do local, porque este se faz como um primeiro documento escrito referente a tal temática. Também tive como sujeitos da pesquisa as pessoas da atual coordenação da comunidade, que me puderam relatar o que se tem no presente enquanto tradição. Muitos foram os relatos de memórias, as quais estão vivas em dias atuais; evidências em fotografias que puderam dar maior entendimento sobre o que existiu e o que existe em relação à festividade de Nossa Senhora de Nazaré.

A partir do que foi analisado nos relatos, podemos chegar a algumas conclusões: a festividade agrega um valor simbólico para a comunidade, o que se configura como “tradição”; as mudanças tiveram seus efeitos positivos e negativos, e que ambos estão atrelados aos costumes e crenças, os símbolos que se mantiveram por empenho de algumas lideranças. Podemos assim dizer que formam a simbologia

cultural: a bandeira, que antigamente se usava na folia da santa e hoje ainda é usada; os instrumentos tocados manualmente tambor, pandeiro, afoxé; as fitas das promessas, sobre as quais muitos até colocam dinheiro; a simbologia do manto; a berlinda; as velas de promessas dentro do percurso do círio com os anjinhos pagando suas promessas; um pouco daquela ladainha antiga; as novenas, com poucas mudanças, mas se mantém; também quadros vendidos durante o festejo; os programas; cartazes; as flores da berlinda distribuídas após a missa; a tradição de enfeitar as embarcações para o círio; enfeite do arraial; o trabalho em mutirões; as promessas; e, as grandes homenagens com fogos.

Podemos concluir que os que foram esquecidos em função da falta de interesse e compromisso das pessoas em levar adiante foram: a ladainha antiga, aquela cantada em latim, que não é usada tanto diretamente, sofreu modificação; o círio, que antigamente era por terra por trás da igreja, agora é com o percurso no rio; a simbologia do mastro da santa e seu hasteamento com a bandeira e frutas. Modificaram-se ainda: o uso de bebida alcoólica e músicas profanas, (hoje se usam mais músicas religiosas); o grupo de folia que animava muito mais a comunidade, levando a imagem até outros lugares; o círio do domingo da festa, que saía da cidade de Abaetetuba; o modo de organização em função de coordenar a comunidade.

Um dos pontos que teve efeito positivo, e o mais evidente em todos os relatos, foi o da retirada da bebida alcoólica; o que teve seu ponto negativo foi a inexistência do grupo de foliões, inclusive em um relato de uma pessoa que fazia parte da folia foi possível perceber o quanto essa prática lhe fazia feliz, relatando ele que reza sozinho e que ainda tem vontade de formar um grupo de foliões. Assim, por meio da pesquisa e dos estudos bibliográficos, podemos concluir que o grupo de foliões não permaneceu até nos dias de hoje por falta de pessoas disponíveis e interessadas em aprender tal arte, principalmente da juventude que, em razão da influência do mundo globalizado, da tecnologia, muitas vezes menospreza o tradicional, considerando ainda que os que faziam parte da folia ficaram idosos, sem condições de seguir com o grupo, hoje apenas guardando alguns de seus instrumentos e boas lembranças.

É de fundamental importância ressaltar que a festividade de nossa senhora de Nazaré, assim como o participar, o trabalhar dentro da comunidade se traduz em educação, educação de uma maneira não formal, ou seja, é um processo de aprendizagem construído socialmente na prática comunitária, pois tudo que ali se aprende de conhecimento que perpassam gerações tem sua legitimidade. O saber ter

bons modos de convivência, o respeito, o trabalho coletivo, o aprender a valorizar a cultura, a identidade, tendo respeito pelo local onde mora, cuidando, preservando, faz parte de uma educação que é estabelecida dentro da educação do campo. Esta, por sua vez, procura trabalhar com conhecimentos comunitários, buscando sempre a valorização cultural, territorial, que possibilite uma educação entre os conhecimentos escolares junto aos comunitários, em uma perspectiva que fortalece os saberes tradicionais. Deste modo eu, como educadora do campo, identifico a importância da temática dentro do currículo escolar na comunidade, levando em consideração que a cultura religiosa – devoção aos santos – são parte integrante das identidades dos povos ribeirinhos, assim tal temática trará o fortalecimento identitário e cultural dos comunitários, que passa por ameaças nos dias atuais.

Entendo que este trabalho ainda não conseguiu registrar todas as informações que são pertinentes à origem da imagem, assim como em geral da festividade em tempos passados e atuais. Portanto não considero um trabalho totalmente encerrado, creio que há mais a se registrar, por conta dos muitos percalços existentes tais como o não alcance das memórias das pessoas dentro da comunidade e até mesmo de pessoas que já viveram lá, tiveram um passado e hoje já não residem mais, como foi registrado nos depoimentos.

REFERÊNCIAS

- Brayner, N. G. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. 3ª Edição revista e atualizada, Brasília, DF: IPHAN, março de 2012.
- CARDOSO, Olivia. G; SILVA, Christian. N da. **A Importância da Cartografia Participativa, como Instrumento de Construção do Conhecimento e Fortalecimento Territorial; a Experiência do Mapeamento Participativo na Comunidade do Rio Caripetuba, no Município de Abaetetuba (PA)**. Caminhos do campo e na cidade, Experiência do PRONERA, pesquisa e extensão. GAPTA/UFPA, Belém, 2021.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: Um estudo da vida religiosa de Itá; Amazônia**. São Paulo: Ed. Nacional; São Paulo: INL, 1955.
- HOLANDA, Peres Edilson; SILVA, Josué da Costa. **A Espacialidade do Catolicismo Popular na Amazônia Ocidental, XIII ENANPEGE, A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIENCIA-MUNDO: produção circulação e apropriação do conhecimento, DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019- SÃO PAULO**.
- LIMA JÚNIOR, Bianor Francisco de. **O sagrado e o profano na religiosidade popular: A festa do Bom Jesus dos Navegantes na cidade de Touros/RN**. **Revista da FARN**, Natal, v. 10, n. 1/2, p. 169. Jan./dez. 2011.
- MINAYO, Maria Cecília de S. **Representações de cura no catolicismo popular**. In: **ALVES, P.; RABELO, M. (Orgs.) Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.
- MOTA, C. Souza; REGINATO, Valdir; GALLIAN, Dante, M, C. **A metodologia da história oral de vida como estratégia humanizadora de aproximação entre cuidador/idoso**. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 29(8):1681-1684, Ago, 2013.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, Rio de Janeiro: CP/DOC FGV, 1992.
- REESINK, Mísia Lins. **PARA UMA ANTROPOLOGIA DO MILAGRE: Nossa Senhora, seus devotos e o Regime de Milagre**. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 18, n. 44, p. 267-280, Maio/Ago. 2005.
- REIS, Marcos V. de F; CARVALHO, Joel P. de. **A Igreja Católica na Amazônia: Diversidade Religiosa e intolerância**. **Observatório da religião**. UEPA; V. 3, N, P. 153-172, 2016.
- SANTOS, Viviane da Silva. **Santo de casa fazmilagre: desenho e representação dos oratórios populares domésticos em Feira de Santana / Viviane da Silva Santos**. – Feira de Santana, 2014.
- SARAIVA, Adriano Lopes. **Festejos e Religiosidade Popular: o festejar em comunidades ribeirinhas de Porto Velho-RO**. 2007.132f, tese (Mestrado) - curso

desenvolvimento regional e meio ambiente, Pós-Graduação em desenvolvimento Regional e Meio Ambiente-PGDRA-UNIR, Universidade Federal de Rondônia-UNIR, Porto Velho, 2007.

SARAIVA, Adriano Lopes. **Religiosidade popular e festejos religiosos**: Aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de porto velho, Rondônia. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010 - ISSN 1983-2850 <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao> - Artigos.

SILVA, Érica Natália da. **Arte e Devoção: Imagens do Festejo de Bom Jesus da Cana Verde no Rio Maracapucu-Miri**. UFPA-Universidade Federal do Pará, Abaetetuba-Pará, 2018.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, Procissões, Romarias, Milagres, aspectos do catolicismo popular, Natal**, editora do IFRN, 2013.

SOUZA, Carla. **Memória e Oralidade**: Entre o Individual e o Social. Departamento de história/UFRR, art, Jan, 2013.